

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Parque do Sabiá: um espaço de sociabilidade e lazer

SUELI SILVA DE OLIVEIRA

Sueli Silva de Oliveira

Parque do Sabiá: um espaço de sociabilidade e lazer

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato.

Uberlândia, 2006.

SUELI SILVA DE OLIVEIRA

Parque do Sabiá: um espaço de sociabilidade e lazer.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato

Profa Dra. Josianne Francia Cerasoli

Profa Jakeline Cunha

**Dedico este trabalho, com toda
Gratidão a Christina Lopreatto,
pelas leituras e releituras, pela
paciência, dedicação e compreensão
durante o processo de construção
deste.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, pela minha vida, pela minha educação e por toda dedicação. Donizete e Maria do Socorro, por estarem sempre disponíveis quando precisei deles (e olha q não foram poucas vezes).

Meu irmão Aداuton e minhas filhas Tainã e Inaiã, razões da minha vida.

Aos meus amigos Andréia, Manoel, Elcione e em especial à Ingrid (Dedei), minha amiga-irmã que sempre “segurou a barra” no trabalho quando eu precisei sair pra fazer entrevistas, pesquisas, etc.

Ao amigo João Batista, pelo carinhoso atendimento, atenção, paciência e cumplicidade durante meus intermináveis problemas e desabafos.

Enfim, agradeço a todos que, diretamente e indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO:

I – INTRODUÇÃO	8
II – A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO LAZER	11
III – REALIDADE BRASILEIRA	27
IV – O PARQUE DO SABIÁ COMO UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE E LAZER.....	47
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
VII – ANEXOS	71

RESUMO:

Neste trabalho pretendo mostrar quando, onde e como emergiu o lazer. É certo que o Homem sempre procurou alternativas para seus momentos de diversão e descanso, mas isso não pode ser chamado lazer. O lazer emergiu durante um dado período histórico e com características peculiares. Esse fenômeno veio para o Brasil também em um determinado momento histórico e com características próprias.

Após a afirmação da consolidação do lazer, busco questões contemporâneas de como o assunto é tratado por nossos estudiosos e como ele foi usado pelas classes dirigentes para manter a ordem vigente, tratando-o como algo utilitalista, com funções políticas e sociais distorcidas. E o trabalhador, qual foi sua atitude diante essas mudanças? Veremos que ele teve atitudes diversas, ora de conformismo, ora de resistência.

Procuró trazer o debate para a cidade de Uberlândia, mais propriamente para o Parque do Sabiá, uns dos locais de lazer mais conhecidos da cidade e com problemas e desafios típicos de um centro urbano.

Palavras chaves: História - Lazer - Trabalho.

I - INTRODUÇÃO:

A palavra lazer é carregada de sentidos. Dificilmente alguém não terá uma opinião sobre o que seja o lazer. A palavra foi se incorporando à fala popular e tornando cada vez mais presente significando certa tendência à valorização enquanto possibilidade de vivência cotidiana.

Mesmo na mídia, em jornais e revistas, é cada vez mais comum o uso da palavra. O crescimento da chamada “indústria do lazer e entretenimento”, uma das maiores promessas econômicas desta transição de séculos trouxe o assunto para as páginas de negócio, rodeado de termos técnicos, números e cifras, pois a economia está atenta ao potencial de negócios desse enorme mercado. Nesse sentido, percebe-se não tratar-se de algo “ingênuo”, mas de um assunto muito importante, carregado de conceitos, juízos de valor, interesses econômicos, políticos, culturais ou sociais.

Mas nem sempre foi assim. Alguns anos atrás, a própria palavra *lazer* não fazia parte do discurso corrente, embora outras fossem usadas para expressar alguns de seus sentidos, como diversão, jogo, prazer, recreação. E é isto o esse trabalho tenta mostrar, como, quando e onde emergiu o lazer.

Acompanhando a história da organização da sociedade no decorrer do tempo, verificamos que, no contexto de seus costumes e hábitos, o Homem sempre buscou formas de diversão, importantes em seu cotidiano tanto quanto as formas de trabalho, religiosidade ou constituição familiar. Isto é, não é possível separar as maneiras de jogar, de brincar e de se distrair do conjunto geral das atividades cotidianas.

Contudo, observamos que a contínua busca de formas de diversão não significa ter sempre existido o que hoje chamamos *lazer*, na medida em que tais formas de diversão guardam especificidades condizentes com cada época, que devem ser analisadas com cuidado. É claro que existem similaridades com o que foi vivido em momentos anteriores, mas o que hoje entendemos como lazer guarda características próprias que somente podem ser compreendidas em sua existência concreta atual. O fato de haver equivalências não significa que os fenômenos sejam os mesmos. Trata-se de outros fenômenos, similares mas não iguais.

Nesse sentido, recorro principalmente ao sociólogo francês Jofree Dumazedier para tentar mostrar essa diferença, conceituando e chamando nossa atenção à constituição histórica do lazer como fenômeno tipicamente da Sociedade Industrial, sendo ela dotada de traços culturais específicos. Dumazedier mostra-nos que o lazer

merece ser estudado por si mesmo, transformando-se em objeto importante de análise naquilo que ele revela de cultura, além de estar inserido em um sistema social e suportar funções sociais que lhe conferem razão de ser. Ele é rico de significados que permitem compreender a sociedade e a cultura, os valores e contradições de um dado momento histórico. Outros autores também são trabalhados, todos estrangeiros, que tratam o lazer no âmbito europeu ou americano. Esse é basicamente o primeiro capítulo desse trabalho.

O segundo capítulo trata do assunto no contexto nacional em que busco embasamento em vários autores nacionais que dialogam com as obras estrangeiras. Primeiramente, retomo o período da industrialização brasileira, recorrendo aos estudos de Maria Auxiliadora Guzzo Decca, que nos mostra as condições de trabalho em que o trabalhador vivencia no período e a emergência do lazer enquanto ferramenta fundamental para controlar o tempo que ele estava fora da fábrica. Depois, tento colocar em evidência as questões contemporâneas, destacando significados e relações construídos na realidade brasileira, e, para isso, recorro, dentre outros, aos sociólogos Nelson Carvalho Marcellino e Christiane Werneck.

O terceiro e último capítulo trata do Parque do Sabiá propriamente dito, construído com intuito de controlar o tempo de lazer dos trabalhadores. Procuro compreender como sua função política é tratada ao longo dos anos mostrando o descaso em certas épocas e os cuidados dispensados a ele em períodos eleitorais. Além disso, o parque pode ser visto como um espaço que possibilita lazer e sociabilidade na cidade de Uberlândia. Retomo novamente aos sociólogos citados anteriormente, além de Renato Requixa, para tentar descrever a possibilidade de lazer saudável no sentido de crescimento humano e pessoal e atentar para o duplo aspecto educativo do lazer: a educação para o lazer e a educação pelo lazer.

Portanto, os objetivos desse estudo histórico são, em linhas gerais, o indicativo de que o Parque do Sabiá pode ser considerado um espelho do panorama político da cidade de Uberlândia que afeta também o panorama social e cultural.

Meu interesse por este objeto de estudo surgiu desde a infância, sempre morei próximo ao parque, tenho lembranças de sua construção, e das agradáveis e divertidas tardes de lazer vivenciadas não só na infância mas durante toda a minha vida.

Minhas buscas iniciais foram na imprensa escrita, mais propriamente no *Jornal Correio*, em que encontrei reportagens sensacionalistas que exaltavam a construção do parque e a figura do homem público Virgílio Galassi, prefeito no período (gestão

1980/1884), “preocupado” com o lazer para os trabalhadores da cidade. Na busca de documentos na Prefeitura e na FUTEL, fundação mantenedora do parque, não tive muito êxito e descobri o quanto os documentos são extraviados ou até mesmo destruídos quando há mudança de prefeitos.

Na tentativa de completar algumas informações ou até mesmo buscar respostas às indagações, busquei testemunhos orais com o intuito de obter uma quantidade maior ou mais completa de dados.

As dificuldades foram muitas, principalmente no que diz respeito à redação, porém os encontros de orientação à pesquisa me auxiliaram e me transmitiam segurança e incentivo para seguir em frente e concluir o trabalho.

Tratar do tema lazer e do Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia é, no limite, dar um passo à frente para uma nova responsabilidade em relação aos problemas sociais e culturais. Seu estado atual é um indicativo do modo pelo quais as pessoas tratam (na verdade, destratam) aquilo que é público, e como o poder público faz uso de suas obras para conseguir seus objetivos eleitorais. O parque necessita urgente que seus visitantes passem por um trabalho de sensibilização para com a natureza e os animais, e um trabalho de conscientização para cobrar do poder público melhorias que possam fazer do parque um espaço cada vez mais agradável, seguro e prazeroso para a prática de lazer.

II - A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO LAZER

No final da Idade Média, as populações urbanas na Europa eram restritas – não ultrapassavam os 100 mil habitantes – e a maioria da população vivia no campo. A Igreja era a instituição mais importante do período medieval. Em torno dela gravitava a vida com todos seus dogmas e paradigmas, além de ser o centro das cidades medievais européias e também o centro da vida administrativa da cidade. Em torno dela, distribuíam-se as moradias e os serviços urbanos, que constituíam-se em trabalhos de artesãos e comerciantes. Com o crescimento demográfico e econômico, a partir do século XV, houve uma mudança no poder central, que deixou de ser controlado pela Igreja.

Esta sociedade, chamada Pré-industrial, tinha o trabalho delimitado pelos ciclos das estações e pelas pausas para repouso, cantos, jogos e cerimônias que, segundo o sociólogo francês Joffre Dumazedier¹, como veremos adiante, não podiam ser consideradas como lazer.

Já no século XX, com o desenvolvimento da indústria, grandes contingentes rurais são atraídos e até mesmo expulsos para as cidades para a formação do imenso exército de mão-de-obra. As cidades passam a ter mais de um milhão de habitantes. Este fato, aliado à falta de planejamento urbano, ocasiona outras mudanças, como por exemplo, o fenômeno da segregação social, ou seja, em termos urbanos, bairros periféricos, geralmente com problemas de infra-estrutura. Forma-se um aglomerado de barracos em volta das fábricas sem qualquer condição básica de sobrevivência, pois os trabalhadores recebem salários aviltantes, insuficientes até mesmo para a alimentação. Crianças e mulheres recebem menos ainda (mão de obra barata) e com as mesmas condições insalubres de trabalho, em locais mal iluminados e sem higiene.

A partir de 1950, consolida-se a Sociedade Industrial assim designada por Domenico De Masi,² em que o poder econômico passa para as grandes empresas que possuem características próprias como concentração de grande massa de trabalhadores assalariados nas fábricas; aplicação das descobertas científicas ao processo produtivo (racionalização e organização do trabalho e sua constante divisão social, tornando-se cada vez mais fragmentado); aumento da produção – em massa – e do consumismo; fé

¹ - DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

² - DE MASI, Domenico. *A Sociedade Pós-industrial*. São Paulo: SESC, 2003.

no progresso irreversível e num bem estar crescente; etc. De Masi aponta três tipos de mudanças que ocorreram:

a descoberta de novas fontes energéticas, uma nova divisão do trabalho e uma nova organização do poder –estamos diante de um salto de época. E estes três tipos de mudança trazem consigo uma nova epistemologia, um novo modo de ver o progresso e o mundo. A sociedade industrial foi tudo isso.³

Os valores do trabalho também sofreram modificações, foram lentamente moldados pela ética protestante, os quais exaltaram a produtividade e o lucro. Nesse sentido, o tempo de lazer passa a ser visto como inimigo do trabalho e não como algo que o complementa, pois, com a Reforma Protestante, que ocorre nos séculos XVI e XVII, há supervalorização do trabalho e uma condenação do tempo de lazer, que é visto como tempo “desperdiçado”. Assim, o protestantismo justifica o tempo destinado ao lazer como ocioso e improdutivo.

Mas, nem sempre foi assim:

houve um tempo no qual a ociosidade era mãe de todas as virtudes do homem. Depois essa ociosidade caiu em desgraça, com a ascensão da burguesia do trabalho que edificou o comércio e a indústria contemporâneos. No século XIX, esse descrédito foi acentuado pela ascensão do proletariado.⁴

Então, o que seria realmente o lazer? Oposição ao trabalho profissional, simples produto do sistema capitalista, estilo de comportamento, sinônimo de alienação..., todas estas são definições cotidianamente atribuídas a ele. Seja lá qual for o conceito adotado, é necessário abordar historicamente como se constituiu a história social do lazer.

Desde o nascimento da sociedade industrial, os pensadores do século XIX previam a importância do lazer. Karl Marx (1963 apud DUMAZEDIER, 1999, p.20), por exemplo, estudou a relação do homem com o trabalho e acreditou que a apropriação coletiva da máquina possibilitaria a conquista de um tempo livre do qual acabaria por humanizar o trabalho, pois abriria espaço para o desenvolvimento humano. Marx acreditava na revolução do Proletariado em que este passaria a ser o dono dos meios de produção. Assim, a máquina produziria para ele todos os bens necessários, e o tempo livre, que é escasso, pois ele tem que produzir mais e mais destinado a aumentar o lucro do patrão, passaria a ser utilizado em questões como produção cultural, leitura e outras atividades que possibilitassem o desenvolvimento humano. Seria o fim, portanto, da exploração do homem pelo homem. O termo “humanização do trabalho” contrapõe-se

³ - DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 45.

ao modo pelo qual o operário é submetido a um trabalho rotineiro, irreflexivo, repetitivo e degradante, características da mecanização, divisão e organização das tarefas, e, além de tudo, o produto do seu trabalho é apropriado pelo capitalista.

Nesse período industrial trabalhava-se até dezesseis horas por dia, de segunda a domingo, quase todos os dias do ano. Iniciava-se o trabalho aos dez anos e trabalhava-se até a morte, geralmente prematura. De toda forma, o capitalismo selvagem nascente reproduzia a mesma relação existente no feudalismo entre o trabalho servil e o ócio aristocrata. Não é por acaso que a primeira obra científica sobre o lazer, publicada na virada do século XX, deriva dessa observação. *Teoria da classe ociosa*,⁵ do americano Veblen, mostra a ociosidade dos capitalistas americanos em suas mansões de suntuosidade feudal, em Rhode Island, pagas com a extrema exploração do trabalho dos operários americanos.

Paul Lafargue, pensador marxista e participante do movimento dos trabalhadores, faz um painel da sociedade burguesa. Visando despertar o proletariado à consciência de classe, critica a ideologia do trabalho capitalista, suas causas e formas. Essa crítica é feita através de um panfleto, um manifesto intitulado “*O direito à preguiça*”⁶, em que aponta a tolice dos operários por lutarem pelo direito ao trabalho, em vez de lutarem diretamente, sem subterfúgios, pelo direito aos mesmos privilégios de lazer dos patrões. Lafargue defende que o trabalho deve ser considerado como o mal da humanidade, porém mostra que esta visão não é a que prevalece no pensamento contemporâneo, pois o que se tem verificado é o constante elogio ao trabalho.

Após 1945, período pós-Segunda Guerra, temos várias outras transformações, principalmente quanto ao aumento das informações e difusão dos meios de comunicação; difunde-se a idéia de uma melhoria de condição de vida e uma reivindicação de bem-estar geral para os indivíduos, grupos, comunidades e povos.

Assim, os trabalhadores lentamente conseguem alguns êxitos nas suas reivindicações. Na Europa, a partir de 1850 é estabelecido o descanso semanal; em 1919 é votada a lei das oito horas; progressivamente a semana de trabalho é reduzida para cinco dias, e conquistam também, o descanso remunerado e férias. A diminuição da jornada de trabalho trouxe uma série de dúvidas e esperanças para os reformadores sociais: o que será feito com o tempo livre das atividades de trabalho? Será utilizado

⁴ - DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973. p.54-55.

⁵ - VEBLEN, Th. *Teoria da classe ociosa*. Londres, Allen and Unwin, 1957.

⁶ - LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1999.

para o enriquecimento ou para a degradação da personalidade? Diante dessas questões são feitos vários outros estudos centrados no lazer. Dentre os que mais se destacam está o de Joffre Dumazedier, considerado pelos estudiosos do assunto como o criador do que habitualmente se denomina a “sociologia do lazer”. Sua obra mais expressiva é *Lazer e cultura popular* em que analisa o contexto social, cultural, econômico e trabalhista da França. Entre outras coisas, busca relacionar lazer à cultura, apresentando resultados de pesquisas que serviram para sua elaboração teórica. O autor se refere ao momento em que foi escrito o livro como um período em que o lazer já havia se tornado “assunto da moda na Europa”, instigando o leitor à reflexão sobre as relações entre o lazer e o trabalho, a família, a política e a moral, sugerindo para isso o indispensável auxílio interpretativo das “ciências do homem”. Segundo Dumazedier, sempre que possível, deve-se progredir da fase de observação para a de experimentação. Por isso, investiu de forma denotada em procedimentos empíricos de pesquisa.

Em um primeiro momento, apresenta uma diversidade de relações entre lazer e sociedade, sempre com base em uma preocupação reflexiva, ou seja, antes mesmo da ação deve-se procurar estruturar o problema relacionando-o com a evolução social do nosso tempo. O tempo dedicado ao trabalho é apontado como um dos fatores determinantes da natureza do tempo livre: a partir da crescente diminuição da jornada de trabalho, o tempo livre passa a ser mais e mais consagrado aos lazeres.

Dumazedier destaca que entre 1955 e 1959, nos países desenvolvidos, principalmente nos europeus, ocorreu um aumento significativo do tempo livre em decorrência de uma constante diminuição do trabalho industrial ao longo dos anos, demonstrando que o lazer é característico da sociedade industrial. Fica claro, então, que o lazer como necessidade (segundo o autor, uma nova moral) é um fenômeno típico da urbanização e da industrialização. E mais, que sua expansão é desigual, tendo características próprias de acordo com a classe social, de maneira que há maior ou menor possibilidade de acesso ao lazer segundo a origem do indivíduo. Porém, a maior ênfase dada pelo autor é para o fato de uma cultura popular impor-se “como uma necessidade ou um valor”, o que certamente influencia nas escolhas das opções de lazer.

Diversos autores, como por exemplo o historiador Sebastian de Grazia (GRAZIA, 1962; apud DUMAZEDIER, 1914), consideram que o lazer existiu em todos os períodos e em todas as civilizações. Há divergências, e de acordo com Dumazedier, que analisa as origens desse fenômeno, apesar de antiga, não existia em todos os períodos e nem em todas as civilizações: “o tempo fora do trabalho é, evidentemente,

tão antigo quanto o próprio trabalho, porém o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida da revolução Industrial”⁷. Portanto, o lazer é criação da civilização industrial, e aparece como um fenômeno de massa com características especiais que não existiam antes do século XX. Mesmo Renato Requixa, que acredita que o lazer está presente desde os tempos medievais, observa:

Mas o que importa notar é que a inexistência do vocábulo ‘trabalho’ entre os povos primitivos significa principalmente que não havia uma clara distinção entre a vida e o trabalho, entre o tempo de viver e o tempo de trabalhar. Trabalhar era ao mesmo tempo existir, como existir era ao mesmo tempo se recrear. Tudo englobava a existência humana, sem que se distinguíssem os tempos em partes especiais.⁸

No período arcaico, o lazer era privilégio dos nobres que, nas caçadas, festas, bailes e jogos intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Mais tarde, na sociedade pré-industrial, os burgueses enriquecidos também podiam se dar ao luxo de aproveitar o tempo livre:

...em todas as sociedades do período arcaico, o trabalho e o jogo estão integrados nas festas, através das quais o homem participa do mundo de seus ancestrais. Essas duas atividades, ainda que distintas, por seus fins práticos, têm significados da mesma natureza, na vida essencial da comunidade. A festa engloba o trabalho e o jogo. Frequentemente, trabalho e jogo se misturam e uma oposição é irrelevante e até inexistente. O lazer é um conceito que não se coaduna com o período arcaico, e nem com o período pré-industrial.⁹

Os artesãos e camponeses que viviam antes da Revolução industrial seguiam o ritmo da natureza: trabalhavam desde o clarear do dia e paravam ao cair da noite, já que a deficiente iluminação não permitia outra escolha. Seguiam o ritmo das estações, pois a semente exige o tempo de plantio, tanto quanto a colheita deve ser feita na época certa. Havia dias em que não se trabalhava, que ofereciam possibilidade de repouso, embora não muito, pois geralmente os feriados previstos eram impostos pela Igreja e havia a exigência de práticas religiosas ou as que marcavam o fim da colheita eram atividades coletivas e adquiriam importante sentido na vida social.

Nas sociedades pré-industriais do período histórico, o lazer não existe tampouco. O trabalho inscreve-se nos ciclos naturais das estações e dos dias: é intenso durante a boa estação, e esmorece durante a estação má. Seu ritmo é natural, ele é cortado por pausas, cantos, jogos cerimônias. Em geral se confunde com a atividade do dia: da aurora ao pôr-do-sol. Entre trabalho e repouso o corte não é

⁷ - DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

⁸ - REQUIXA, Renato. *Cadernos de lazer*. São Paulo: SESC, 2003. p. 9.

⁹ - DUMAZEDIER, Joffre. *Valores e conteúdos do lazer*. São Paulo: Perspectiva. P.48.

nítido. Nos climas temperados, no decurso dos longos meses de inverno, o trabalho intenso desaparece para dar lugar a uma semi-atividade durante a qual a luta pela vida é, muitas vezes, difícil. O frio é mortífero; a fome freqüente conjuga-se às epidemias. Esta inatividade é suportada; ela é amiúde associada a um cortejo de adversidades. Evidentemente não apresenta as propriedades do lazer moderno. Estes ciclos naturais são marcados por uma sucessão de domingos e festas. O domingo pertence ao culto. As festas muitas vezes são ocasião de um grande dispêndio de alimentos e de energia; constituem o inverso ou a negação da vida cotidiana. Os festejos são indissociáveis das cerimônias; dependem geralmente do culto, não do lazer. Assim, embora as civilizações tradicionais da Europa tenham conhecido mais de 150 dias sem trabalho por ano, não nos parece possível aplicar o conceito de lazer para analisá-los.¹⁰

Nos tempos medievais, podemos observar uma mudança no sentido e no significado do aproveitamento do tempo de não-trabalho. Para a população em geral, seria um tempo de descanso e festa, mesmo que exíguo e bastante controlado, já que se começa a estabelecer limites ao que pode ser vivenciado, com base em um rígido conceito de pecado instituído pela Igreja Católica. Para os nobres, o ócio passa a ser um tempo de exibição social, de exposição de gostos luxuosos e sem finalidade social. Não era incomum que o trabalho fosse considerado tarefa dos menos abastados, pelo menos as tarefas “menos dignas e mais comuns”, responsabilidade dos servos e camponeses. Isto é, o tempo de vida era destinado a vivências não-produtivas, uma forma de expressão de poder e riqueza.

Para as camadas populares, não havia uma rígida divisão social do tempo, já que não havia uma separação categórica do tempo de trabalho e de não-trabalho. Ou se trabalhava seguindo desígnios e desejos dos nobres (caso dos servos), ou se seguia a dinâmica do tempo da natureza (caso dos que trabalhavam no plantio) ou se desfrutava de certa flexibilidade (caso dos artesãos e pequenos comerciantes, estratos numericamente menores).

Com a ascensão do puritanismo e das idéias reformistas promovidas pela fundação das primeiras religiões protestantes, a idéia de trabalho como algo fundamental para a humanidade começa a ganhar força, até porque as novas religiões introduzem a mentalidade de que o acúmulo de riquezas é filosoficamente aceitável. O não-trabalho deixa de ser encarado como apenas um vício e passa a ser considerado inimigo do trabalho e um dos maiores pecados ao qual se pode submeter a espécie humana.

¹⁰ - DUMAZEDIER, Jofree. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1999. p.26-27.

O tempo das camadas populares torna-se ainda mais controlado, para que não se dediquem a “atividades indignas” e /ou que signifiquem “perda de tempo”. As atividades de diversão e os festejos, quando não reprimidos, são, no mínimo “modificados” para se adequarem aos novos sentidos em construção.

Outra característica própria da civilização do lazer seria o tempo cronometrado, ou seja, com a introdução do relógio, o ritmo do trabalho deixa de ser marcado pela natureza. A mecanização, divisão e organização das tarefas exigem que o tempo de trabalho seja cronometrado, deixando de seguir seu ritmo natural de outrora. Essas condições estão presentes apenas nas sociedades industriais e pós-industriais, o que torna inadequado a aplicação desse conceito de lazer nas sociedades arcaicas e pré-industriais.

Um ponto no qual a maioria dos economistas concorda é que a produção do tempo livre é resultado de um progresso da produtividade, graças às descobertas técnico-científicas. Este progresso é completado por uma ação dupla – a dos sindicatos que reivindicam o aumento de salários e a das empresas que tem necessidade de estender o tempo de consumo para que sua produção seja escoada. Então, não há como negar que o lazer beneficiou-se com a redução da jornada de trabalho e, nesse sentido, pode-se afirmar que ele é um produto do trabalho.

Esse tempo liberado, criado pela redução das horas de trabalho, não pode ser confundido ainda com o tempo livre, pois aquele é gasto de inúmeras maneiras: no transporte – na maioria das vezes o operário reside longe do local de trabalho; com as ocupações de asseio e alimentação; com o sono; com obrigações familiares e afazeres domésticos; com obrigações sociais, políticas ou religiosas; às vezes até com um “bico” para ganhar mais alguns trocados. Isso sem falar no trabalho da mulher, que sempre supõe a chamada “dupla jornada de trabalho”.

Portanto, a luta para a redução das horas de trabalho não se deu apenas no âmbito profissional, acontece também no trabalho doméstico-familiar. Os equipamentos técnicos – como eletrodomésticos, por exemplo – auxiliam cada vez mais nesta redução, mas o problema está na desigualdade social, pois não são todas as famílias que possuem condições econômicas para adquirir tais equipamentos, principalmente nos países pobres.

O tempo propriamente livre, de lazer, é considerado aquele que sobra após a realização de todas as funções que exigem uma obrigatoriedade, quer sejam de trabalho ou de todas as outras que ocupam o chamado tempo liberado. Então, de acordo com a

conceituação tratada por Dumazedier, o lazer não se caracteriza por oposição somente ao trabalho profissional, mas também pelo conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana. Possui um caráter liberatório de obrigações, buscando compensar ou substituir algum esforço que a vida social impõe. É um tempo que se pode exercitar mais o “fazer por fazer”, ou seja, fazer algo sem obrigatoriedade, sem que haja um ganho financeiro em vista ou um preço sério a pagar, existindo sempre o princípio da busca pelo prazer.

Ao procurar definir o fenômeno do lazer, o autor preliminarmente lista algumas atividades que se oporiam a ele. Adverte, contudo, do perigo de defini-lo como oposição pura e simples ao trabalho. Fundamentando-se nas funções do lazer, conhecidas como os “3Ds”(descanso, divertimento e desenvolvimento). Diante disso:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.¹¹

Ele está entre os primeiros autores a aplicar e definir a categoria denominada de “semilazer”, tomando como exemplos explicativos e significativos o que ocorria com mulheres que se dedicavam às tarefas domésticas e com certas atividades vivenciadas por homens da classe trabalhadora, notadamente por operários. Verificou que, no caso das mulheres, o tempo disponível era bem inferior ao dos homens. Entretanto, chamava atenção para as atividades que eram realizadas com prazer e que, segundo a declaração das mulheres, serviam como descanso. Essas atividades (como bricolagem, jardinagem, costura ou tricô) “são parcialmente obrigatórias e parcialmente desinteressadas”, e, por esse motivo, foram classificadas como “semilazer”. De forma semelhante, a tendência do “faça você mesmo” entraria nessa categoria, sendo prioritariamente exercida por homens.

Ao abordar a questão do progresso técnico como capaz de influenciar no aumento das possibilidades de lazer, o autor mostra como este último influi no trabalho e também como essa ação ocorre no sentido contrário, de maneira que o aumento do lazer é também dependente das “forças sociais do momento”.

Três determinantes sociais são apresentados como fundamentais: a evolução técnica, as persistências tradicionais e a organização socioeconômica, que, por sua

¹¹ - DUMAZEDIER, Jofree. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 2001.p.34.

importância foram analisados isoladamente, sem, no entanto, deixar de ser considerados em suas características de interação. O primeiro não foi estudado como algo linear no tempo, pois certamente as tradições impõem certas resistências. O segundo determinante foi compreendido levando-se em conta as tradições relacionadas com a cultura própria de cada país, o que pode mesmo diferenciar o campo e a cidade, como também as resistências existentes interpaíses. Finalmente, o terceiro determinante parte da premissa de que as atividades de lazer custam dinheiro, o que conduz a um inevitável processo de hierarquização.

Quanto ao lazer guardar uma relação com desenvolvimento da pessoa, Dumazedier reconhece que é essa uma dimensão frequentemente entravada em razão do exclusivo proveito da função de divertimento, recreação e entretenimento pela considerada indústria cultural. Nesse sentido, o autor foi a campo para estudar o lazer no modo de vida da família, bem como suas relações com o trabalho, o que o levou a abordar a questão da cultura popular.

O autor acredita que, através dessa forma de organização cultural, é possível modificar os indivíduos e a sociedade, despertando atitudes ativas como reação à indústria cultural, instigando os indivíduos a uma maior participação sociocultural. Tomando essa consideração, alerta que sem a existência de uma cultura popular, tanto as tecnocracias quanto as oligarquias teriam seus poderes fortalecidos. Na verdade, afirma, é fundamental, em última instância, considerar que, para que haja mais acesso às vivências de lazer, é preciso diminuir cada vez mais o tempo destinado ao trabalho.

Compreende uma atividade de lazer como uma participação ativa na vida cultural, dedicando-se a entendê-la pelo conteúdo real e provável dos principais lazeres de massa.

Dumazedier define ainda as atividades de lazer em áreas de interesse que compõem um todo interligado. O interesse deve ser entendido como conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida. São elas: artísticas, intelectuais, manuais, físicas, sociais e turísticas.

Por atividades artísticas, entende-se a prática e a assistência de todas as formas de cultura erudita conceituadas como arte, tais como cinema, teatro, literatura, artes plásticas, etc. quando se fala em interesses artísticos, ressalta-se a busca do imaginário, do sonho, do encantamento, do belo, do fazer-de-conta. Outras atividades como decoração da casa, as roupas, as festas, recepções (recebendo ou fazendo visitas) e

outras, também devem ser consideradas artísticas, pois há nelas o exercício da imaginação.

As atividades intelectuais de lazer estão no âmbito do conhecimento, da informação e aprendizagem. A principal fonte de satisfação dos interesses intelectuais no lazer é a ciência e deve ser entendida aqui não apenas no seu conteúdo próprio, expresso em livros e publicações especializadas, como nas formas de vulgarização e difusão, através de jornais, revistas e tevê. A arte pode informar, mas dirige-se basicamente à emoção dos indivíduos. Enquanto a busca de uma informação num livro, num jornal, pode até mesmo provocar uma emoção forte nas pessoas, dirige-se basicamente à satisfação de uma curiosidade ou do desejo de saber alguma coisa sobre algum assunto.

Para o sociólogo, o lazer é um tempo precioso para o exercício do conhecimento e a satisfação da curiosidade intelectual em todos os campos, seja através da conversação aparentemente banal com os amigos, seja através dos meios de difusão eletrônica, seja através da consulta especializada.

As atividades manuais são entendidas como atividades ligadas ao prazer de manipular, explorar e transformar a natureza. É a nostalgia dos elementos naturais, a terra, a água, a madeira, o metal, os animais. Como exemplo, temos desde lavar o automóvel em fins de semana, onde o prazer da manipulação da água envolve ludicamente pais, filhos e vizinhos, desde cultivar hortaliças e animais de corte nos quintais urbanos, o crochê o tricô, pequenos consertos em aparelhos eletro-eletrônicos e outros afazeres domésticos que Joffre Dumazedier chama de bricolage. O ato de criar com as próprias mãos adquire uma série de simbolismos. As mãos são fonte de expressão não apenas gestual, como prática, de transformação de coisas. Com o trabalho nas fábricas e instituições essa capacidade ficou reprimida e torna-se importante devolvê-la aos trabalhadores.

As atividades físicas estão relacionadas às caminhadas, ginásticas, esporte e outras atividades nesse sentido, executadas de maneira formal ou informal, em espaços tecnicamente planejados ou não, ou seja, podem ser praticadas em parques, pistas próprias, ginásios, clubes, ou simplesmente na rua ou numa área qualquer.

Em todas as atividades de lazer, pode existir um conteúdo de sociabilidade, expresso no contato com amigos, parentes, colegas de trabalho, etc. A frequência à associações e movimentos culturais também pode ser considerada como atividade social de lazer.

Por fim, as atividades turísticas, caracterizadas pela busca do conhecimento de novos lugares, novas formas de vida e, além de tudo, pode num curto período, como férias ou finais de semana, alterar a rotina cotidiana. Não só as viagens são exemplos dessa atividade, mas também a visita a museus, teatros, restaurantes, comércio local, etc.

Através do conceito de lazer estabelecido por Joffre Dumazedier e sua classificação em atividades, é possível especificar ainda três funções solidárias do lazer: visa o descanso e, portanto, libera da fadiga; visa o divertimento, a recreação, o entretenimento e, portanto, é uma complementação que dá equilíbrio psicológico à nossa vida, compensando o esforço que despendemos no trabalho. O lazer pode oferecer a opção de fuga pela mudança de lugar, de ambiente, de ritmo, quer seja em viagens, jogos esportes ou ainda em atividades que privilegiam a ficção, como em teatros, cinemas, etc. Por último, visa a participação social mais livre, e com isso promove o nosso desenvolvimento. A procura desinteressada de amigos, de aprendizado voluntário, pode estimular a sensibilidade e a razão, favorecendo o surgimento de comportamentos inovadores.

Então, qual seria a principal fonte de atração para o lazer? A forma como o fenômeno atrai esse tempo liberado é explicado por Dumazedier na maneira pela qual se dá a própria elaboração do conceito de lazer. Seria, portanto, uma nova necessidade social do indivíduo a dispor de si para si mesmo, a gozar de um tempo cujas atividades antigamente eram em parte impostas pela empresa, pelas instituições sócio-espirituais, sócio-políticas ou familiares. Procura-se agora a realização do indivíduo. Por isso é que R. Richta diz que na sociedade do lazer “a subjetividade do indivíduo torna-se em si mesma um valor social”(RICHTA, 1969; apud DUMAZEDIER, 1973, p. 57).

Como uma nova necessidade social, pode tornar-se objeto de novos controles institucionais. O lazer não corresponde apenas às necessidades autênticas da pessoa, o mercado econômico as padronizam, as canalizam, as políticas tentam manipulá-las em função de objetivos que podem ir contra as aspirações de livre expressão e comunicação da personalidade. O lazer não está à parte e nem anula os condicionamentos sociais e nem garante também a liberdade absoluta, mas a liberdade de escolha dentro do lazer é uma realidade, mesmo que limitada e em parte ilusória.

Tudo ocorre como se a ética do lazer tivesse relações com as outras éticas, as do trabalho, do dever familiar, do serviço social, etc. estas limitam, condicionam aquela, mas por sua vez, são influenciadas por ela. A ética social e pessoal é

mudada por ela. O que ontem seria preguiça em relação às exigências da empresa hoje é dignidade; o que ontem se chamava egoísmo em face das exigências da instituição familiar chama-se hoje respeito às características de um de seus membros. Uma parte do que era pecado aos olhos da instituição religiosa hoje é reconhecida como arte de viver. Alguns falaram de uma moral do hedonismo. É um equívoco: a ética do lazer não é a da ociosidade que rejeita o trabalho, nem a da licença que infringe as obrigações, mas a de um novo equilíbrio entre as exigências utilitárias da sociedade e as exigências desinteressadas da pessoa.¹²

Os determinismos culturais, sociais, econômicos e políticos pesam sobre todas as atividades do cotidiano e o lazer não está à parte dessa realidade. Porém, como já foi citado, mesmo que haja um certo grau de liberdade nas escolhas que se faz no trabalho, no ritual familiar, na vida sócio-religiosa e sócio-política, é mais fácil decidir, por exemplo, sobre o programa de lazer que será feito no fim de semana do que sobre a rotina de trabalho, pois essa normalmente é decidida e imposta por terceiros.

Apesar dos determinismos, o homem não é um ser passivo que deixa “passar o tempo” livre, mas empenha-se em algo que escolhe e lhe dá prazer e o modifica como pessoa. Seja qual for a atividade escolhida, poderá ser feita ativamente, basta assumir uma atitude seletiva, pois somos sensíveis aos estímulos recebidos e temos capacidade crítica para compreender e apreciar o que fizemos.

Pensadores liberais e um grande número de marxistas contestam essa hipótese. Para eles, lazer e consumo são a mesma coisa e uma única realidade. Seria não um produto da sociedade industrial avançada, mas do sistema capitalista de produção, de distribuição e de consumo. Marcuse (apud DUMAZEDIER, 1914), filósofo marxista, vê no lazer sinônimo de alienação, uma ilusão de livre satisfação das necessidades do indivíduo. Nesse sentido, estas necessidades seriam criadas, manipuladas pelas forças econômicas da produção e do consumo de massa, conforme o interesse de seus donos. Não há como negar que os bens e serviços de lazer estão submetidos às mesmas leis do mercado que outros bens e serviços, inclusive, esta padronização traz ou ameaça trazer graves problemas para o desenvolvimento social e cultural da sociedade, pois limitam a criatividade e a autenticidade da comunicação dos indivíduos e dos grupos.

No mundo em que a produção e o consumo são alienados, é difícil evitar que o lazer também o seja. A propaganda bem montada da “indústria do lazer” orienta as escolhas e os modismos, manipula o gosto, determinando os programas: boliche, patinação, discotecas, danceterias, *shopping centers*, filmes da moda e outros. Isso, é para determinado segmento social, porque normalmente, as cidades não têm infra-

¹² - DUMAZEDIER, Joffree. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1999. p.59.

estrutura que garanta aos mais pobres (grande maioria da população) a ocupação do seu tempo livre: lugares onde possa ouvir música, praças e parques para passeios, várzeas para o jogo de futebol, clubes populares, locais de integração social espontânea. Isso torna reduzida a possibilidade de lazer que Dumazedier chamou de ativo, não alienado, ainda se considerarmos que o homem se encontra submetido a todas as formas de massificação pelos meios de comunicação.

Porém, de acordo com o sociólogo, o lazer ativo se caracteriza pela participação integral do homem como ser capaz de escolha e de crítica. Dessa forma, esse lazer permite a reformulação da experiência. A atitude ativa implica, ao menos periodicamente, uma participação consciente e voluntária na vida social e cultural, opondo-se ao isolamento, ao recolhimento social e à submissão das práticas rotineiras, às imagens estereotipadas e às idéias pré-concebidas de um determinado meio social. Ela exige sempre um progresso pessoal livre pela busca, na utilização do tempo livre, de um equilíbrio, na medida do possível pessoal, entre o repouso, a distração e o desenvolvimento contínuo e harmonioso da personalidade.

No meio social, implica uma participação na família, na empresa, sindicato, vida civil, a todos os grupos e modos de vida, acompanhada do desejo de assumir, em todos os níveis, um grau variável de responsabilidade na vida de seu grupo, classe ou sociedade.

Na vida cultural, a atitude ativa implica um esforço para levar em consideração, compreender, explicar e utilizar os produtos da técnica, das ciências, das artes e, em certos casos, recorre à criação e invenção para enriquecê-los. Implica, portanto, num conjunto de disposições físicas e mentais que podem assegurar um contínuo crescimento da personalidade humana na vida cultural e social.

Isso não ocorre com o lazer passivo, no qual o homem não reorganiza a informação recebida ou a ação executada, de modo que elas nada lhe acrescentam de novo, ao contrário, reforçam os comportamentos mecanizados. Esclarece ainda que “a atividade de lazer em si mesma não é passiva ou ativa, mas o será pela atitude que o indivíduo assumir com relação às atividades decorrentes do próprio lazer”¹³. Assim, duas pessoas que assistem ao mesmo filme, por exemplo, podem ter atitudes ativa ou passiva, dependendo da maneira pela qual se posicionam como seres que comparam, apreciam, julgam e decidem ou não.

¹³ - DUMAZEDIER, Jofree. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 2001.p.257.

Nesse sentido, o conjunto das atitudes ativas contribuiria para formar em cada grupo e para cada indivíduo um estilo de vida que, por sua vez, seria o modo pessoal pelo qual cada indivíduo ajeita sua vida cotidiana.

O tempo de lazer, enquanto um tempo de fruição, pode tornar-se também um tempo de aprendizagem, aquisição e integração, diverso dos sentimentos, conhecimentos, modelos e valores da cultura, no conjunto das atividades nas quais o indivíduo está enquadrado. Ainda segundo Dumazedier, o lazer poderá vir a ser uma ruptura, num duplo sentido: o fim das atividades impostas pelas obrigações profissionais, familiares e sociais e, ao mesmo tempo, o reexame das rotinas, estereótipos e idéias já prontas que concorrem para a repetição e especialização das obrigações cotidianas.

Nesta linha de raciocínio, temos o sociólogo do trabalho Domenico De Masi que acredita estarmos caminhando em direção a uma sociedade na qual grande parte do tempo será dedicada a outra coisa que não seja o trabalho. Ele defende que a espécie humana passou por uma tríplice passagem:

da atividade física para a intelectual, da atividade intelectual de tipo repetitivo à atividade intelectual criativa, do trabalho laboralmente nitidamente separado do tempo livre e do estudo ao 'ócio criativo', no qual estudo, trabalho e jogo acabam coincidindo cada vez mais.¹⁴

Para De Masi, essa trajetória conota a passagem da sociedade industrial a uma nova sociedade: a pós-industrial. Cita ainda cinco aspectos que definem a sociedade pós-industrial

a passagem da produção de bens para a economia de serviços; a preeminência da classe dos profissionais e dos técnicos; o caráter central do saber teórico, gerador da inovação e das idéias diretivas nas quais a coletividade se inspira; a gestão do desenvolvimento técnico e o controle normativo da tecnologia e a criação de uma nova tecnologia intelectual.¹⁵

Verifica-se que o conhecimento e a “nova tecnologia intelectual” adquirem papel central nesta nova sociedade, tendo como características a pluralidade, a criatividade e a inovação humana. O processamento e gerenciamento das informações modificaram as ciências, permitindo diferentes soluções para o mesmo problema, incluindo também a transnacionalização como mais um fator nesta nova sociedade.

¹⁴ - DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p.16.

¹⁵ - DE MASI, Domenico. *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: SESC, 2003. p.33.

Sobre transnacionalização, De Masi cita a socióloga húngara Z. Hegedus (apud De Masi, 2003) que, para facilitar a compreensão, elaborou um esquema em quatro fases: a primeira diz respeito à produção de idéias, que são concebidas em locais de estudo e pesquisa, em laboratórios espalhados por diversos países, que dão origem a um “saber transnacional”. No entanto, o poder de decisão sobre o uso dessas idéias não pertence à essas comunidades científicas, mas sim sobretudo aos governantes e às multinacionais.

Na segunda fase, são escolhidas as idéias produzidas pelos cientistas, as quais serão implementadas pelos dirigentes ou modernizadores que detêm o poder de decisão; estes, por sua vez, dependem dos detentores do saber. A terceira fase trata da produção dos bens idealizados e escolhidos nas fases um e dois, os quais podem ser produzidos em locais totalmente diferentes daqueles das primeiras fases.

A quarta fase diz respeito aos mercados de consumo destes bens, serviços e informações. Forma-se uma nova divisão internacional do trabalho em que algumas áreas mantêm o monopólio da pesquisa científica e do poder político, enquanto outras produzem, e outras limitam-se a consumir.

No âmbito econômico, como já foi citado, os estudiosos definem este período como pós-industrial e no âmbito filosófico e cultural, como pós-moderno. Para De Masi,¹⁶ apesar de ele próprio utilizar, esse termo não o satisfaz, pois seria uma definição cômoda, aplicada a uma fase ainda confusa. Ele acredita que o contexto no qual vivencia não pode ser considerado uma continuação da sociedade industrial, pois mudou todo o conjunto. O termo pós-industrial é usado por quem se dá conta da mudança mas não consegue ainda identificar seus pontos cruciais.

Para explicar a possível data de nascimento da sociedade pós-industrial, cita Daniel Bell (apud De Masi, 2000), que escolhe 1956 como marco porque neste ano, pela primeira vez num país do mundo, os Estados Unidos, o número de trabalhadores do setor terciário, isto é, o setor que oferece serviços, superou a soma do número de trabalhadores dos setores industrial e agrícola.

Na realidade, Bell cita cinco fatores que confirmam a passagem de uma sociedade industrial para uma pós-industrial: a passagem da produção de bens para a produção de serviços; a crescente importância da classe de profissionais liberais e técnicos em relação à classe operária; o papel central do saber teórico; o problema

¹⁶ - DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Sextante: Rio de Janeiro, 2000.

relativo à gestão do desenvolvimento técnico que diz respeito à importância e ao poder da tecnologia que não pode ser mais administrada por indivíduos isolados e, por último, a criação de uma nova tecnologia intelectual, ou seja, a invenção de máquinas inteligentes que são capazes de substituir o homem não só no esforço físico mas também no intelectual.

Diante disso, vemos a passagem de uma economia predominante de serviços, a partir de meados do século XX. Não que os outros setores tenham perdido importância, mas as atividades de todos os setores ficam dependentes do desenvolvimento de técnicas de informação e comunicação.

A mudança de enfoque descentraliza a atenção antes voltada para a produção (capitalista *versus* operário), agora mobilizada pelo consumo e informação. Para o sociólogo, a classe operária não deixou de existir porém

Eles não encarnam mais problemas universais deixaram de ser uma ‘força revolucionária’ e não são mais ‘centrais’ na estratégia para que se consiga pôr fim à exploração. Esta estratégia passa agora, sobretudo, pela mão-de-obra do terceiro mundo e pela ‘mente-de-obra’ do primeiro mundo.¹⁷

O trabalho dentro da fábrica tende a diminuir cada vez mais, isso sem falar na quantidade de tarefas que são terceirizadas e outras que não são substituídas por máquinas porque a mão-de-obra do terceiro mundo é muito barata. Para o sociólogo, o trabalho delegado às máquinas, além de ser economicamente mais viável, reduz o potencial de conflitos.

Como o trabalho tradicional diminuirá cada vez mais, e será delegado às máquinas, diante disso De Masi defende que teremos mais tempo livre. Será então uma sociedade fundada não mais no trabalho, mas no tempo vago. Como as máquinas ficarão encarregadas do trabalho manual e intelectual repetitivos, seremos obrigados a desenvolver cada vez mais o trabalho intelectual criativo.

O termo ‘tempo liberado’ é considerado pelo sociólogo uma definição burocrática, sindical pertencente ao período industrial. Neste caso, utiliza o nome ócio criativo no qual estudo, trabalho e jogo coincidem, contribuindo todos para o crescimento humano.

O ritmo da produção deverá ser modificado, graças às inovações tecnológicas como o computador, o fax, telefone, correio eletrônico e internet, milhares de pessoas não precisarão sair de casa e ir para fábrica. Nesse sentido, outras relações também

serão modificadas como as afetivas, relações com o bairro em que vivem, com a família, com o próprio lazer, etc.

Domenico De Masi defende ainda que isso não será uma simples modernização das atividades tradicionais, mas algo capaz de fazer mudar toda a velha organização empresarial e social. A idéia tradicional de trabalho não é mais realidade em muitos países europeus, abrindo a possibilidade de uma mistura de atividades, onde o trabalho poderá ser confundido com o tempo livre e lazer.

As pessoas podem realizar seu trabalho em qualquer local, inclusive em sua própria residência, através de teleconferência, internet, e outros. É o que ele chama de teletrabalho:

É um trabalho realizado longe dos escritórios empresariais e dos colegas de trabalho, com comunicação independente com a sede central do trabalho e com outras sedes, através de um uso intensivo das tecnologias da comunicação e da informação, mas que não são, necessariamente de natureza informática.¹⁸

Porém, esta é uma realidade em que o autor descreve com orgulho estar vivenciando na Itália, país europeu de Primeiro Mundo. A nossa realidade, de um país subdesenvolvido, é bem diferente e isso será visto no próximo capítulo.

No “nosso mundo”, falta comida, falta escola, moradia, emprego, faltam bens necessários uma vida digna. Como é vista a questão da pós-modernidade, do teletrabalho, do ócio criativo? Numa realidade onde noticiamos pessoas venderem órgãos do próprio corpo para poder alimentar-se, como será tratado a questão do lazer?

Para De Masi, o fato de venderem os próprios órgãos significa uma relativa evolução pois, segundo ele, em outros períodos históricos vendiam-se o corpo inteiro citando o caso da escravidão humana.

Qual seria então o conceito de evolução para esse autor que vive num país rico, às custas da exploração direta ou indireta dos mais pobres, onde as mazelas causadas pelo desenvolvimento tecnológico e científico são ínfimos comparados aos dos países subdesenvolvidos, nos quais a luta pela sobrevivência ainda é o maior desafio da grande parte da população?

¹⁷ - DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p.102.

¹⁸ - DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p.214.

III - REALIDADE BRASILEIRA

Como vimos anteriormente, o capitalismo industrial iniciou-se no século XVIII na Europa, e se internacionalizou nos séculos XIX/ XX. Até então, tivemos um Brasil marcadamente rural ou pré-industrial, onde a produção obedecia o ciclo natural do tempo e era ligada basicamente ao núcleo familiar. Os locais de trabalho eram próximos das moradias e até eram confundidos com ela. O trabalho, apesar de longo e cansativo, respeitava os ritmos da natureza: iniciava ao alvorecer e terminava quando a luz do dia faltava, mas havia pausas impostas pelo cansaço, dos domingos e feriados religiosos, das entressafras, e pela chuva (que representava uma pausa forçada).

Durante a fase colonial, as manufaturas têxteis foram proibidas (1785), pois contrariavam os interesses da Metrópole; no período do Brasil Reino Unido e após 1822, a industrialização de nosso país não pode se desenvolver porque contrariava os interesses das potências capitalistas da época, principalmente da Inglaterra. Por isso, difundiu-se, nesse período, a ideologia de que o Brasil era um país de vocação exclusivamente agrária e, de certa forma, foi forçado a manter-se como um simples produtor de gêneros agrícolas tropicais e consumidor de produtos industrializados vindos do exterior.

Tornamos grandes exportadores de café e foi justamente através de sua receita que surgiram condições à ala progressista do setor agrário para acumular capitais e investir em outras atividades econômicas. O principal centro da industrialização brasileira foi o estado de São Paulo, onde moravam os mais importantes produtores de café do país. Com as freqüentes crises de superprodução, muitos desses produtores investiram parte de seus lucros na indústria. Além disso, havia em São Paulo grande número de imigrantes (italianos, espanhóis etc.) que viviam do trabalho assalariado da agricultura. Muitos se desiludiram com o trabalho no campo e foram buscar novas oportunidades de vida nas cidades. Grande parte desses imigrantes serviu de mão-de-obra para o setor industrial.

Empregando crescente número de operários, a indústria foi transformando a face socioeconômica do país. Em 1928, a renda industrial superou, pela primeira vez, a renda agrária. Os setores urbanos, classe média e proletariado industrial tornaram-se forças sociais cada vez mais expressivas.

A vida no campo era de muito trabalho, mas a da cidade não era diferente. As condições de trabalho do operariado eram subumanas. Trabalhavam de segunda a sábado, e às vezes eram obrigados a trabalhar também aos domingos. Os salários eram baixíssimos, o que obrigava marido, mulher e crianças a trabalhar para manter a família. (há relatos de crianças de até seis anos de idade trabalhando clandestinamente nas fábricas). As moradias eram as piores possíveis, de acordo com Maria Auxiliadora Guzzo Decca, na obra *A vida fora das fábricas* que através de estudos, teses, livros e relatos, faz um quadro de vida do operariado fora dos locais de trabalho na cidade de São Paulo no período de 1920 a 1934. O trabalhador urbano residia em habitações muitas vezes coletivas e que, apesar de baixa qualidade, os aluguéis não eram baratos.

As habitações coletivas dividem-se em três grupos de principais: 1º – porão, 2º – a vila, que pode ser definida como um conjunto de várias habitações contíguas, que dão para um mesmo beco; 3º – o cortiço, assim denominado para indicar que as famílias vivem em uma habitação ou moradia coletiva, muitas vezes de mais de um andar. As habitações individuais e as vilas têm em geral cozinha e instalações sanitárias independentes, ao passo que tanto o cortiço ou o porão possuem instalações higiênicas em comum e, quando tem cozinha, é também em comum.¹⁹

A maioria pagava aluguel que, considerando o salário do operário e o padrão habitacional, era muito caro e consumia por boa parte do orçamento do trabalhador (segundo Decca, 25%, e 50% ou mais com alimentação). A média de moradores por cômodos era de três indivíduos, o que significava péssimas condições de superpopulação. Em alguns casos, as indústrias ofereciam moradias aos funcionários, porém as usavam como forma de pressão ou instrumento de força para conter greves ou rebeldias.

No interior, a vida também era difícil. O trabalho nas fazendas de café era árduo, as denúncias de opressão, maus-tratos, descumprimento dos contratos, falta e atraso de pagamento de salários eram constantes.

Os colonos reagiram diante do cotidiano difícil, individual e coletivamente. Atos de violência contra fazendeiros e administradores (assassinatos eram comuns) e fugas dos colonos das fazendas evidenciaram a resistência individual ou de pequenos grupos²⁰

¹⁹ - DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987. p. 30.

²⁰ - DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987. p. 31.

As condições de vida e de trabalho eram tão desfavoráveis quanto as da capital. A jornada de trabalho era extensa, de dez ou mais horas, em que os trabalhadores eram sujeitos a multas arbitrárias e castigos descabidos. O salário também era muito baixo. Algumas vantagens eram notadas como aluguéis mais baratos e uma melhor condição material até meados de 1930. Várias indústrias se alojavam longe de povoações ou municípios, necessitando construir vilas operárias para moradia junto à fábrica ou indústria. Assim, algumas facilidades eram concedidas ao trabalhador no sentido de manter-lhes no interior para que não migrassem para a capital.

Não havia salário mínimo, direito de férias, pagamento por horas extras, jornada máxima de trabalho, etc. na fábrica, não existe o ritmo natural de trabalho e repouso. O tempo é marcado pelo relógio, os gestos são repetitivos e a única pausa para a refeição é determinada pelas necessidades da produção. Nos sistemas domésticos de manufatura, era comum o trabalhador conhecer todas as etapas da produção, desde o projeto até a execução. Com a tecnologia implantada no sistema fabril, isso não é mais possível, devido à crescente complexidade resultante da divisão do trabalho que passou a ser fragmentado, de difícil compreensão, em que não se tem mais noção do processo como um todo.

O trabalho iniciava-se ainda na infância e findava-se com a morte, geralmente prematura. A labuta durava até dezesseis horas por dia e a luta pela diminuição dessa jornada teve seu início em 1903, com a Primeira Greve Geral do país, em São Paulo. Dentre outras reivindicações estava a diminuição da jornada para onze horas. Houve forte repressão policial, com confrontos armados e prisões, porém diversas categorias, em 1907 conquistaram uma jornada de dez, nove e meia e até nove horas.

A Segunda Grande Greve data de 1917 em que os operários reivindicaram a criação do fim de semana de lazer, com a interrupção do trabalho aos sábados à tarde e a retomada na segunda pela manhã, além da jornada de oito horas.

No governo ditatorial de Getúlio Vargas (1937-1945), várias medidas foram baixadas em benefício ao trabalhador. Foi criada a CLT – Consolidação das Leis do Trabalho – em 1943, que dentre outras medidas estava a criação do salário mínimo, a regulamentação das férias, da aposentadoria e a legalização da jornada de oito horas. Em contrapartida, submetia os sindicatos à tutela do Ministério do Trabalho. Com a democratização do país em 1945, o movimento sindical retomou sua atividade reivindicatória, e o tema continua presente, para mais diminuição das horas de trabalho.

Porém, o que não faltam são indagações sobre o que os trabalhadores fariam com esse tempo livre, se não haveria aumento do índice de alcoolismo, degradação dos costumes, se as empresas não iriam falir, etc. Há várias empresas no Brasil que operam com a jornada de seis horas, contando com a tecnologia avançada em seus equipamentos aliada a uma administração eficiente. Como exemplo, temos o setor de *Calls Centers* (Central de Chamadas), que contando com equipamentos de última geração no ramo de telecomunicações, conseguem operar com uma jornada de trabalho de seis horas por dia. Os atendentes fazem uma interface da empresa com clientes e fornecedores, além de pesquisar hábitos e opiniões dos públicos-alvos da empresa, bem como fazer telemarketing ativo e receptivo em atividade de televendas ou apoio ao setor de vendas.²¹ Apesar de trabalhar duas horas a menos que trabalhadores de outros setores, isto não quer dizer que essa atividade seja menos árdua ou estressante.

Esse tempo livre do trabalho profissional, que foi até então designado como lazer, provocou uma série de mudanças econômicas, sociais e culturais por todo o mundo, e no Brasil – que não está fora deste contexto – não foi diferente.

Os avanços tecnológicos acentuam a divisão do trabalho e a alienação do homem do seu processo e do seu produto, mas também permitiu maior produtividade com menos tempo de trabalho. Nesse sentido, o lazer surge como um fenômeno de massa com características especiais que nunca existiram antes do século XX. Com a intensificação da automação do trabalho e a diminuição da jornada cria-se o tempo liberado, que não pode ser confundido ainda com tempo livre, como veremos adiante. Foi também uma resposta às reivindicações sociais pela distribuição desse tempo liberado do trabalho e de outras esferas de obrigações.

De acordo com a nossa realidade, apesar do interesse sobre a questão do lazer estar diretamente relacionado à industrialização, o assunto encontra-se mais vinculado à urbanização da vida nas grandes cidades. Mostra disso é que a primeira obra que trabalha de forma específica a temática do lazer de José Acácio Ferreira, publicado em Salvador, em 1959, teve como título *Um Estudo de Organização Social das Cidades*.

O contexto de industrialização crescente vai inserindo nosso país em movimento semelhante ao Europeu em que a luta dos trabalhadores por um tempo disponível maior torna-se uma constante. O próprio contexto de modernização da sociedade brasileira contribui para tornar importante para as cidades em crescimento, os momentos de vida

²¹ - <http://www.catho.com.br/jcs/inpuiter-view.phlm?id=4638&print=1>. acessado em 20/11/2005.

festiva. Busca-se espaços públicos para recreações, práticas esportivas, bailes, além de haver uma organização progressiva do mercado de diversões, inicialmente com o teatro, depois com o esporte e o cinema e já no início do século XX, com o rádio e mais tarde com a televisão.

De acordo com Maria Auxiliadora Guzzo Decca (1987), as primeiras “praças de esportes” e “centros de recreio” surgiram na transição entre as décadas de 20 e 30 do século XX, inseridas no contexto de organização dos espaços públicos urbanos, em desenvolvimento desde o fim do século XIX. Naquele momento, as atividades “recreativas” eram entendidas como forma de manutenção da saúde e recuperação da força de trabalho, dimensões importantes para um país que se industrializava e sentia os impactos desse processo, sobretudo na organização das cidades que cresciam muito e rapidamente. Não por acaso houve uma ligação direta com as atividades físicas, consideradas as mais adequadas para tais intuítos.

Ainda de acordo com Decca, à medida que o proletariado surgia como força social importante na cidade, tentou-se estabelecer de inúmeras maneiras um domínio mais direto sobre a vida do operariado fora dos locais de trabalho. Este controle partia de instituições, grupos dirigentes, poderes públicos municipais e estaduais que realizavam atividades como festivais (que contava com o auxílio da igreja local), concursos de decorações proletárias, criaram bibliotecas, parques infantis (com caráter preventivo, educativo e utilitário), campos de atletismo, estádio e piscinas em bairros operários, a fim de desviá-los dos ambientes improdutivos ou prejudiciais ao bom rendimento no trabalho. A igreja possuía em seu interior, escola, creche e capela tornando-se um exemplo mais extremo de uma forma direta de controle. O lazer e a educação não fugiam a essa tentativa de controle e domesticação que às vezes era explícita.

Nos diferentes tipos de escolas freqüentados pelo operariado e seus filhos, de cunho profissionalizante ou não, tratava-se de educá-los no sentido de sua preparação para a vida social, de sua ‘adaptação social’, retirando-os dos ‘meios nocivos’, dos centros de ‘recreação improdutiva’.²²

²² - DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.95.

O Estado tinha propostas específicas de instrução para a classe operária: as escolas noturnas e profissionais. As indústrias e a igreja também tinham escolas destinadas ao operariado e seus filhos. Inúmeros cursos, oficinas, tinham como objetivo qualificar os trabalhadores de acordo com as necessidades imediatas, disciplinando e diminuindo o custo do trabalho. Festas religiosas, quermesses, procissões e romarias eram, de certa forma, populares nos bairros operários de São Paulo, era o lado lúdico aliando-se ao religioso. Nesse período, formas alternativas de lazer propostas pelos sindicatos operários, pelos grupos anarquistas e comunistas eram também expressivas na cidade e comuns no cotidiano de parte do operariado.

Vimos que o quadro de vida do operário estava circunscrito e atravessado pelos interesses do capital e que através disso procura-se controlá-lo dentro e fora da fábrica, visando conformar a classe proletária à ordem burguesa. É certo que havia resistência, a classe operária também cuidava da sua própria instrução. Grupos operários de tendências políticas diferentes apresentavam propostas de instrução através de sua imprensa, lutavam para criar, nos sindicatos e fora deles, escolas, centros de aprendizagem, centros de cultura social e operária. Parte do operariado estava empenhada na preservação de sua própria imprensa enquanto modo de vida, enquanto instrumento de educação e conscientização.

No capítulo anterior, vimos a influência da ética protestante que enobreceu o trabalho, criando assim um clima favorável à adaptação do homem à sociedade industrial. Mais precisamente no Brasil, não se pode esquecer também a influência que a Igreja Católica exerceu, firmadora de valores sociais como por exemplo a “moral cristã do trabalho”. Apesar de ter ocorrido uma regressão do controle dessas instituições (há também as familiares e sociais) elas não cessaram, mas assumiram características diferentes.

É nesse novo tempo que são vivenciadas as situações de lazer geradoras de valores que sustentam a chamada Revolução Cultural do lazer. São reivindicadas novas formas de relacionamento social mais espontâneas, a afirmação da individualidade e a contemplação da natureza. Observa-se mudanças nas relações afetivas, nas considerações sobre o próprio corpo, no contato com o belo, em síntese, na busca do prazer.²³

Alguns anos atrás, a palavra lazer não fazia parte do discurso corrente, embora outras fossem usadas para expressar alguns de seus sentidos, como diversão, jogo,

²³ - MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização*. São Paulo: Papirus, 1995. p.15.

prazer. A incorporação da palavra ao vocabulário comum e os diversos sentidos que carrega foram se incorporando à fala popular e tornando-se cada vez mais presentes, o que significa certa tendência à valorização do conceito enquanto possibilidade de vivência cotidiana.

Pela influência norte americana (que designa recreação) e a européia (lazer), passamos a conviver com essas duas nomenclaturas. Essa dupla denominação persiste até hoje entre nós, em geral sendo o primeiro termo empregado para designar o conjunto de atividades e o segundo para abordar o fenômeno social. Alguns autores chegam mesmo a identificar diferenças ou peculiaridades mais amplas entre os termos, porém estudos recentes comprovam que a existência dos dois termos é resultado de tradução de textos de origem diferenciada (os termos *recreation* e *leisure*, do inglês ou *loisir*, do francês), pois são usados com sentido aproximado. Estudos de Christianne Werneck* encaminham, aprofundam e comprovam essa suposição.

O problema é que, no decorrer da história, foi construída uma restrição do termo recreação a um conjunto de atividades: jogos, brincadeiras etc. surgiram termos até mesmo conceitualmente equivocados, como recreação escolar. As atividades denominadas “recreativas”, como jogos e brincadeiras, ganharam sentidos diferenciados conforme o contexto em que se apresentem. Ainda de acordo com a autora, jogos e brincadeiras podem ser inseridos no lazer quando forem observáveis em momentos de não trabalho, mas podem ser também implementadas em espaços de trabalho ou de atividades similares como em empresas (estratégias gerenciais) e disciplinas escolares, que, se não podem ser encaradas estritamente como trabalho, também não devem ser tidas como lazer.

Mesmo em jornais e revistas vemos com constância a palavra lazer, e curiosamente não mais como algo “ingênuo”, discutido apenas em um caderno de futilidades ou nos cadernos de arte e cultura. O crescimento da chamada “indústria do lazer e entretenimento”, uma das maiores promessas econômicas desta transição de séculos, trouxe o assunto para as páginas de negócios, rodeado de termos técnicos, números e cifras, pois a economia está atenta ao potencial de negócios desse enorme mercado.

* ligada à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é uma das coordenadoras do Centro de Estudos do Lazer dessa instituição.

Outro estudo relevante sobre lazer é o da autora Christianne Luce Gomes Werneck, que trata das relações entre os três temas constantes no título: *Lazer, trabalho e educação*.²⁴ Ela retoma as relações históricas ligadas ao lazer, buscando seus diversos sentidos e significados desde as civilizações antigas, passando por sua ocorrência na modernidade, até chegar a questões mais contemporâneas. Neste último caso, encaminha-se a discussão para a especificidade do caso brasileiro apontando para a ambigüidade das relações entre lazer e recreação.

Levando em consideração como se constituiu historicamente o lazer até a forma em que o concebemos na atualidade, a autora nos faz refletir sobre os primórdios do que seria o lazer. São apresentados os princípios que geram o pensamento grego, em que o lazer estava vinculado tanto ao descanso, repouso e ócio como a prazer, satisfação, liberdade, reflexão e realização. Assim, o lazer tanto liberaria do trabalho e da fadiga como se vincularia aos significados de cultura e educação.

Já na civilização romana, o lazer assume o significado de *licere*, que vem a ser a designação para as práticas culturais e festivas tidas como lícitas, disciplinando tanto o prazer como a diversão. Com a difusão do cristianismo, reforça-se o antigo sentido grego de ócio entendido como contemplação. Novos significados foram atribuídos à relação do homem com o trabalho e o lazer, mas sem ainda resolver o problema das desigualdades sociais que marcaram os períodos anteriores. A igreja passou a controlar os homens, oferecendo-lhes a possibilidade de salvação pelo trabalho e delimitando quando e como se pode festejar. O lazer controlado só poderia ser realizado como possibilidade de entrega da alma a Deus. Dessa forma, o trabalho e lazer tornaram-se eficientes meios de controle moral e social.

Ainda de acordo com Christianne Werneck, a relação entre modernidade e desenvolvimento do capitalismo é fundamental à compreensão dos encaminhamentos seguidos pelo prazer, pelo trabalho e pela educação em nossa sociedade nos dias de hoje. O trabalho transformou-se como elemento capaz de integrar a sociedade, e aqueles que não trabalhassem eram desconsiderados, sem nenhum direito – lógica que segundo Paul Lafargue, em seu *Direito à preguiça* deveria ser invertida.

A partir de então, entrava em campo uma nova necessidade: a de medir o tempo de trabalho. É através das conquistas obtidas pelos trabalhadores organizados que se chega ao direito de um “tempo livre” do trabalho. Entretanto, a autora adverte que esse

²⁴ - WERNECK, Christianne Luce Gomes. *Lazer, trabalho e educação*. Minas Gerais: UFMG e Celar, 2000.

tempo pode ser apropriado com outras finalidades, tornando o lazer um mero produto de consumo.

O desafio deve ser enfrentado no sentido de haver um comprometimento de repensar o lazer como alternativa cultural que se concretiza na democratização de seu acesso, entendendo-o como direito social conquistado no decorrer da história da humanidade. Mas não se pode compreender o lazer unicamente por meio de suas atividades, o que restringiria ao campo da diversão. Nesse modelo, predominaria o “processo de reprodução cultural, baseado na lógica da prática pela simples prática”, que ingenuamente trabalha e difunde valores que ajudam a manutenção da ordem social vigente, camuflando as relações entre trabalho, educação e poder.

Por último, a autora busca identificar as razões que ainda levam alguns a assumir a associação linear e direta entre lazer e recreação no Brasil. São analisadas as reflexões teóricas sobre a questão desenvolvidas por diversos autores. Verifica-se que a associação entre lazer e recreação ainda é capaz de gerar muitas dúvidas, observando-se uma diversidade de interpretações que vão desde a concepção de recreação como ação até de lazer como expressão de cultura; ou ainda a concepção de que ambos são espaços privilegiados para a vivência do lúdico, sendo então caracterizados sem nenhuma diferenciação, mas sim como dois termos para o mesmo fenômeno.

Para defender seus pontos de vista, a autora faz uma revisão do surgimento da recreação em nosso país. Verifica que a recreação se apresenta como algo que ultrapassa a ação: trata-se de um “movimento de disciplinarização das massas”, utilizado eficazmente pelas classes dirigentes, em determinados momentos históricos, inclusive por sua inserção no âmbito da educação escolar.

Apesar de reconhecer o início da discussão sobre esse vínculo no meio acadêmico, a autora verifica que, na prática, essas relações ainda são bastante dúbias. A recreação, muitas vezes, ainda reproduz os mesmos valores tradicionais de ajustamento e conformação social, tal como era no início de século XX.

Como vimos, Christianne Werneck acredita que o lazer esteve presente em momentos históricos como na Grécia Antiga e na Idade Média, por exemplo. Outros autores acreditam que o lazer se constitui como um fenômeno tipicamente moderno, resultantes das tensões entre capital e trabalho que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perspassado por relações de hegemonia. O lazer seria uma força de organização da vida social colaborando para construção de novas normas e valores de convívio e para o questionamento da

sociedade em que vivemos. Sou adepta deste pensamento e veremos adiante outros autores nessa linha de raciocínio, em que o lazer é visto como um produto da modernidade, mais precisamente como o conceito defendido por Dumazedier.

Luiz Octávio de Lima Camargo é um desses autores, inclusive teve seus estudos de pós-graduação realizados na França sob orientação de Joffre Dumazedier e inicia sua discussão em *Educação para o lazer*²⁵ partindo da seguinte questão: é o trabalho a principal atividade do ser humano? O ponto central que fundamenta suas posições é que tanto somos o indivíduo que trabalha quanto o indivíduo que brinca. Propõe-se, então, a discutir a necessidade de educar para o lazer, o que seria de grande importância para tornar as pessoas mais aptas para desfrutar adequadamente de um tempo livre novo.

O valor do trabalho como predominante na lógica social é posto em questionamento pelo autor, que detecta certa insatisfação geral com essa importante parte da vida humana. Apresenta como alternativa um novo paradigma, no qual o prazer passaria a ser o modelo ideal de existência que orienta os indivíduos na sua vida individual e social. Assim, para o autor, o lazer passa a ser mais um item importante das necessidades básicas, direito dos indivíduos, mesmo que devamos considerar que o tempo livre e a recreação são fenômenos temporais gerados pela economia moderna.

As relações entre o homem *faber* e o homem *ludens* fazem surgir um novo campo de trabalho e, nesse ponto, o autor aborda a importância do animador cultural, aquele que tem a capacidade de antecipar-se, compreendendo as demandas de uma sociedade que busca ocupar novos espaços com atividades de lazer. A obra procura fazer uma desconstrução de determinados preconceitos que colocam o lúdico como algo de menor valor, algo desprezível quando comparado ao trabalho, contrapondo-se a uma certa compreensão, ainda persistente, de que só as classes mais abastadas estariam reservadas às diversões. Na sociedade contemporânea, o lúdico já estaria até sendo absorvido por atividades antes consideradas “sérias”.

Como exemplos são citados: como o lúdico torna as relações familiares mais descontraídas; como alguns executivos têm dedicado mais tempo ao lazer; como certos políticos fazem uso do lúdico para melhorar sua imagem; introdução, em cultos religiosos diversos, da dança e do canto para cativar os fiéis; como, em algumas escolas, tem sido incluído um tempo especial para o lúdico. Destaca que, apesar de se considerarem as atividades de divertimento como de fácil assimilação, nem sempre as

²⁵ -CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

coisas caminham dessa forma, e exemplos não faltam para provar que determinados indivíduos têm muita dificuldade para se divertir.

Na discussão entre o que surge primeiro no ser humano, se o *ludens* ou o *faber*, o autor recorre ao exemplo do desenvolvimento infantil, que comprova o primeiro como predecessor. Entretanto, da forma como grande parte das nossas escolas vem se estruturando, nem sempre essa relação é perceptível. Nesse sentido, o autor afirma que o único momento verdadeiramente saudável das nossas escolas era o recreio, pois nesse momento se estabelecia a espontaneidade. Ao ingressar no mundo do trabalho, evitando deixar transparecer a necessidade do lúdico, o indivíduo acaba se tornando infeliz quando não consegue conciliar fatores como gosto ou interesse, aptidão e disposição para enfrentar obstáculos.

O autor dá destaque à importância de se planejar prematuramente a aposentadoria e à necessidade de se buscar uma orientação profissional para diminuir possíveis desapontamentos pelas escolhas assumidas. Certamente, diante do modelo social em que estamos vivendo, em um mundo em que o trabalho anda escasso e sua manutenção cada vez mais ameaçada, tais proposições parecem de difícil equação.

A obra ainda descreve como evolui e se transforma o tempo de lazer de nossos dias, considerando um equívoco a previsão de que, a partir da diminuição do tempo de trabalho, haveria um natural engajamento em atividades tidas como mais sérias que as de diversão e entretenimento que caracterizam o lazer. O uso do termo “lazer”, em lugar de “diversão” é assim justificado: traduziria uma esperança descrita a partir do ideal grego-romano, pelo qual se poderia encontrar um desenvolvimento do indivíduo, diferentemente de uma diversão inconsequente destinada a alguns privilegiados.

O autor procura diversificar seus exemplos de manifestações de lazer apontando a questão do desenvolvimento das relações do indivíduo consigo mesmo e com o outro, abrangendo até a sexualidade, tema para o qual dedica um capítulo do livro. Para mostrar que nem sempre o lazer é acompanhado de prazer, fala da “corrupção do lúdico”, entendido por meio de certos desvios conflituosos entre o divertimento esperado e a maneira como ele é obtido, seja em jogos de azar, no uso de drogas ou mesmo de violência praticada em estádios.

Busca passar ao leitor a maneira de assumir um estilo de vida em que fôssemos mais receptivos à diversidade de interesses de lazer, e acredita que isso acabará ocorrendo no momento em que formos capazes de equacionar o que chama de “agenda de lazer”, discernindo entre as tentativas de manipulação exercidas pela mídia ou por

uma indústria do lazer, sempre desprovidas de qualquer comprometimento com a transformação, tanto social como individual.

Diante da expansão do campo do lazer, considera fundamental a atuação de profissionais qualificados para sua elaboração, execução e reflexão, intervenção esta que se dá sobre as demandas existentes, detectáveis em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, destaca a importância da figura do “animador cultural urbano”, que seria o intermediário entre a produção cultural e o consumidor de lazer. No entanto, falta de uma identidade profissional e de uma formação adequada ainda impedem o pleno desenvolvimento desse personagem no campo do lazer, se bem que, o autor aponte com esperança para a superação dessa deficiência em pouco tempo.

Nelson Carvalho Marcellino* faz uma leitura crítica do modelo produtivista, no qual há uma valorização exacerbada do que é gerado como bem de consumo. O homem contemporâneo, vivendo de uma “funcionalidade imediata”, acaba por distanciar-se tanto de si quanto do outro e da natureza. Entretanto, uma nova tendência é apontada, manifesta por um novo estilo de vida, ao qual Dumazedier utopicamente denominou de “revolução cultural do lazer”. As ações implementadas nesse sentido devem considerar a importância de ter o conceito de lazer razoavelmente definido, o certamente dá margem a diversas interpretações.

Marcellino fala do fenômeno lazer como decorrente da industrialização, surgido em “resposta às reivindicações sociais pela distribuição do tempo liberado”, e defende que seus valores sejam extensivos a todos, em uma verdadeira “democratização cultural”. Por outro lado, verifica que o senso comum acaba por contrapor o lazer ao trabalho, sob uma forte influência de uma “moral do trabalho”.

Estudar o lazer apenas como um estilo de vida ou supô-lo a partir de sua dependência a um tempo liberado de obrigações diversas faz parte de algumas interpretações limitadas do sentido desse fenômeno. Como tendência atual, aponta-se para a aproximação dos dois modelos. Algo realizável de livre escolha, de caráter desinteressado, com predominância de funções que sirvam ao descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal.

O autor adverte que uma visão “funcionalista” do fenômeno acaba por reduzir seu sentido, comprometendo-o pelo caráter conservador constante nos valores a ele imputados. Dessa maneira, o homem seria concebido “como simples detentor de *status*

e desempenhador de papéis, em função da manutenção do sistema vigente”. Ao não concordar com essa concepção, Marcellino deixa claro sua adesão ao conceito de lazer que considera as variáveis tempo e atitude e enfatiza a qualidade das ocupações. Nesse sentido, assume importância a existência de políticas públicas voltadas a possibilitar uma verdadeira democratização do lazer.

A função de desenvolvimento, tanto pessoal como social, é enfatizada como um meio capaz de contribuir para a superação de alguns obstáculos que frequentemente são apresentados por aqueles que resistem a aceitar a existência de valores no lazer. Seja para superar o que ele chama de “cultura da pobreza”, das “necessidades prioritárias”, seja para alterar o “estabelecimento de prioridades para o desenvolvimento”. Educação e lazer não podem ser compreendidos como instâncias estanques.

O autor argumenta que a obtenção de tempo e sua distribuição, não só quantitativa, entre as classes sociais é, pois, um fato político, está em jogo uma série de forças que visam ao controle do tempo dos dominados e a seu aproveitamento na produção. Por isso é fundamental a implantação de uma verdadeira política de democratização cultural.

Apesar de reconhecer a necessidade de ter certa cautela com o uso de determinadas tipologias, o autor adota a classificação anteriormente elaborada por Dumazedier para distinguir os interesses verificados no lazer: físicos, práticos ou manuais, artísticos, intelectuais e sociais. Ressalta também que a distinção entre os vários interesses só pode ser estabelecida em termo de predominância e respeitando as escolhas subjetivas, aliás, evidenciando uma das características das atividades do lazer, ou seja, a escolha individual.

Afirma o autor que, para haver uma escolha consciente das opções de lazer, faz-se necessária uma sensibilização dos gostos, e nesse sentido não se pode deixar também de falar que alguns outros fatores são capazes de se apresentarem como inibidores, verdadeiras “barreiras”. Estas podem ser de ordem econômica, de gênero, social ou geracional. Considera então fundamental o estabelecimento de grupos de pressão capazes de superar esses obstáculos a uma verdadeira democratização do lazer. Paralelamente, é necessário democratizar o espaço urbano com uma política mais humana, com uma ação voltada a uma necessária, mas nem sempre simples, mudança das mentalidades.

* sociólogo e doutor em educação, atua na área de lazer há mais de 20 anos, desenvolvendo projetos e pesquisas e participando na implantação destes no estado de São Paulo.

Uma proposta nesse sentido deve considerar o duplo aspecto educativo do lazer: “a educação pelo lazer e a educação para o lazer”, com relevância ao papel desempenhado pelo profissional de lazer, também por esse autor denominado “animador cultural”. Este deve estar comprometido com a cultura popular, veículo facilitador da democratização do lazer. Marcellino buscou em Antonio Gramsci referência para se aproximar do que chamou de “pedagogia da animação”, pela qual os animadores, atuando como mediadores, viriam a ser os viabilizadores do processo de democratização cultural.

Na obra *Lazer e educação*, Nelson Carvalho Marcellino analisa as possibilidades de lazer no cenário brasileiro onde predominam os valores imediatistas e utilitaristas da nossa realidade, ou seja, onde as pessoas normalmente são consideradas como meros instrumentos, produzindo ou consumindo, alimentando assim o mercado de produção. Assim, o lazer na sociedade moderna seria marcado por fortes componentes de produtividade em que se valoriza o produto e não o processo de vivência que lhe dá origem.

Marcellino mostra como os estudos do lazer no Brasil seguem basicamente duas vertentes: a que enfatiza o aspecto *atitude*, considerando o lazer como *estilo de vida*. É caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e experiência vivida, ou seja, o que importa é a satisfação provocada pela atividade independentemente de um tempo determinado. Aqui, qualquer situação poderá constituir em oportunidade para a prática do lazer, até mesmo o trabalho, desde que seja gratificante e escolhida pelo trabalhador (o que é muito raro). Essa é uma visão funcionalista, que em termos de valores é altamente conservadora e é encontrada nos autores que reduzem o lazer à sua função reparadora do trabalho, ou seja, um instrumento para melhorar a produtividade e, ainda, uma compensação do trabalho alienado. Para Requixa, o lazer seria um fator que ajuda “... a suportar a disciplina e as imposições obrigatórias da vida social, pela ocupação do tempo livre em atividades equilibradas socialmente aceitas e moralmente corretas”.²⁶ O homem aqui é visto como simples máquina que necessita, para o bom funcionamento, de manutenção e reparos.

A segunda vertente privilegia o aspecto *tempo* em que esse é liberado do trabalho, ou como *tempo livre*, não só do trabalho, mas de outras obrigações sociais, religiosas e familiares, restringindo o lazer a um tempo determinado. Nesse aspecto, há

²⁶ - REQUIXA, Renato. *Sugestões e Diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980. p.35.

uma preocupação com a qualidade das ocupações desenvolvidas. Marcellino observa que ao invés de falar em *tempo livre* é mais correto falar em *tempo disponível*, pois tempo algum está livre de coações ou normas de conduta social.

A tendência entre os estudiosos é considerar o lazer tendo em vista os dois aspectos – tempo e atitude. Portanto, esse fenômeno pode ser entendido como uma atividade de

Escolha individual, praticada no tempo disponível e que proporcione determinados efeitos, como o descanso físico ou mental, o divertimento e o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade. Entendido dessa forma, o conteúdo das atividades de lazer é bastante amplo, abrangendo interesses variados.²⁷

Pode ser entendido também:

Como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’. O importante como traço definidor, é o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A ‘disponibilidade de tempo’ significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.²⁸

Considera como “fundamental a busca do prazer no lazer, o que não impede sua caracterização como um dos canais de atuação no plano cultural, tendo objetivos não meramente reformistas, mas que signifiquem mudanças radicais no plano social”²⁹.

A eficácia da escola é posta em questão pela crítica aos teóricos da educação que, da mesma forma que os do lazer, trabalham de forma indireta e relação entre educação e lazer. Marcellino acredita que existe uma mútua influência entre essas duas esferas, sendo “parte do processo educativo como um todo”.

O autor faz uma análise do “duplo aspecto educativo do lazer”, seja ele veículo ou objeto de educação. Ele defende a necessidade de assumir um posicionamento crítico quanto a educação para o lazer, em que se deve defender sua capacidade de ser conscientizadora, atuando como contra-informação, tendo ciência do risco de fazer uma defesa simplista do lazer.

²⁷ - MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. São Paulo: Papirus, 1987. p.31.

²⁸ - MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. São Paulo: Papirus, 1987. p.31.

²⁹ - MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. São Paulo: Papirus, 1987. p.31.

A visão funcionalista do lazer é mais uma vez colocada em questão pelo autor, que também alerta sobre a necessidade de distinção de prática de consumo. Relacionando lazer e escola, não só em termos de conteúdo como também de forma. apresenta alguns equívocos históricos particularmente perceptíveis na educação artística e educação física, que acaba se transformando em agentes limitadores, pois apresentam atividades meramente consumatórias, e, no momento em que se impede uma criança de ser produtora de cultura, acaba-se por transformá-la numa consumidora passiva. Isso é facilmente comprovado pela limitação do espaço de criação da criança.

Como base para a superação das deficiências da educação formal, o autor procura estabelecer alguns elementos para uma “pedagogia da animação”. Na busca de uma proposta alternativa que não se apresente com características messiânicas, deve-se procurar os fundamentos da “competência técnica” e da “opção política”, sempre estando atento para que não ocorra uma fragmentação do conhecimento. Propõe-se então uma atuação em parceria, multiprofissional e multidisciplinar, tendo em vista o compromisso de mudança e a intervenção na ordem social.

A pedagogia da animação, proposta por Marcellino, conclama para o reconhecimento da importância da relação lazer – escola no processo educativo. Na perspectiva da pedagogia da animação, a escola passa a ser considerada equipamento e instituição de organização de educadores, vindo a funcionar como centro de cultura popular.

Em termos de forma, respeita o ritmo do aluno; como abrangência, supera o âmbito dos alunos matriculados. No que toca o espaço, acaba por ultrapassar os muros escolares, e no que se refere aos elementos humanos aponta para a importância da figura do animador cultural, que sempre deve ser alguém comprometido, capaz de saber usar os recursos materiais disponíveis e de trabalhar na adversidade, sem no entanto, comprometer a qualidade do que é feito ou alimentando atitudes conformistas. Ao conjugar essas características, a pedagogia da animação será capaz de atuar no plano tanto cultural quanto social.

Para o sociólogo Renato Requixa, o lazer é uma “ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”³⁰. Para Ethel Bauzer

³⁰ - REQUIXA, Renato. *Sugestões e Diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980. p.35.

Medeiros, educadora e psicóloga, o lazer seria “o espaço de tempo não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida.”³¹. Destaca, ainda o repouso, a diversão e o desenvolvimento pessoal como funções do lazer. Esses dois conceitos condizem com o do sociólogo francês Jofree Dumazedier atribuindo ao lazer um caráter liberatório (no sentido de liberar) e desinteressado.

Alguns vêem o lazer como fenômeno de acomodação, como instrumento de conversão, ou seja, abandono das posturas compatíveis com a vida na sociedade urbano-industrial, como instrumento de dominação, que serve para minimizar ou anular o conflito social. Nessa perspectiva, o lazer é visto como elemento de reforço, e não de reação à alienação do homem contemporâneo, como uma rentável fonte de bens e serviços a serem consumidos para alimentar o mercado, sofrendo assim elevados graus de imposição. Seria utilizado para desviar o olhar, a atenção dos problemas sociais e pessoais ou da exploração de muitos por poucos. Godbey (GODBEY, apud MARCELLINO, 1983) é um dos que concordam com essa idéia e acredita que o que vem aumentando nos últimos anos não é o lazer e sim o que denomina de “anti-lazer” que seria uma atividade compulsiva realizada a partir de necessidades impostas exteriormente, com baixo grau de autonomia pessoal e alto grau de pressões e preocupação com o tempo. Nesse sentido, acredita-se até mesmo que o lazer será superado pelo anti-lazer.

Marcellino não é adepto deste pensamento, porém considera que ignorar essas possibilidades seria uma atitude ingênua, mas também não se deve subordinar toda ação nas atividades de lazer à ausência de reação, pois ele o considera como tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuem para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças essas necessárias para a implantação de uma nova ordem social.

As atividades de lazer são divididas em categorias (a mesma adotada por Jofree Dumazedier em *Lazer e Cultura Popular*). São elas: atividades manuais, físicas, artísticas, intelectuais, associativas e turísticas. Apesar da divisão, elas não são consideradas isoladamente e podem ser realizadas através das atividades ou da contemplação, por exemplo, pode-se participar ativamente de um jogo de futebol, jogando ou simplesmente assistindo.

³¹ - MEDEIROS, Ethel Bauzer. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: SESC, 1971. p..3.

As atividades físicas, incluindo os esportes, estão entre as manifestações culturais mais procuradas e mais difundidas pelos meios de comunicação, estando mesmo diretamente ligadas a diversos estilos de vida. Ao redor dessas práticas, não é incomum a existência de uma série de procedimentos, posturas e produtos (roupas, músicas, alimentos) que identificam os praticantes e os diferenciam de outros grupos.

Entre essas práticas, podemos encontrar diferenças claras, que estimulam uma busca específica por parte dos indivíduos. Vejamos alguns exemplos. Existem atividades de aventura, também conhecidas como esportes radicais, que colocam os praticantes em uma situação de risco controlado e são realizadas na natureza (*rafting*, escalada) ou em ambientes construídos (skate). Entre os interessados por atividades na natureza, existem ainda aqueles que as procuram apenas como forma espiritualização e fuga do estresse cotidiano (caminhadas). Entre os que preferem atividades mais leves, temos também os praticantes de ioga, de *tai chi chuan*. Por outro lado, alguns preferem atividades mais intensas encontradas nas academias (musculação, diversos tipos de ginástica) ou praticadas com o uso de equipamentos urbanos (corrida, triatletismo). Existem os esportes, sejam os coletivos (futebol, voleibol), os individuais (natação), as diferentes modalidades de lutas (judô, caratê, capoeira) e aqueles normalmente restritos aos que têm maior poderio econômico, sendo mesmo símbolo de diferenciação social (hipismo, golfe).

Em comum entre os diversos grupos, podemos citar a busca de bem estar por meio da movimentação do corpo, embora o grau de movimentação varie muito de uma atividade para outra – e uma certa preocupação com a saúde – ainda que, muitas vezes, seja mais observável no discurso do que na prática e que a compreensão de saúde seja bastante difusa e até mesmo superficial. Isto é, apesar da presença constante dos esportes na mídia e de um forte estímulo à sua prática, em função de uma relação linear e direta com a promoção da saúde da população, somos forçados a admitir que a maior parte da população “faz esporte” mesmo pela televisão e pelos jornais, não tendo a oportunidade de uma prática sistemática.

A manifestação artística não está presente somente nos espaços convencionais como museus, teatros, etc. ela está presente em diversas esferas da vida como por exemplo no esporte, e até nos produtos industriais que consumimos diariamente. Ainda assim, podemos dizer que a experiência estética é, por excelência, o que impulsiona a busca da arte, do prazer que as diversas linguagens artísticas proporcionam.

Desenvolver novas possibilidades – e nesse processo ter acesso a novos valores vigentes – é uma dimensão fundamental a ser provocada pelo contato com essas linguagens.

As atividades de interesse manual tratam da manipulação de objetos e produtos, e que com frequência são confundidos com os *hobbies* em geral, ainda que entre estes se encontrem atividades não necessariamente manuais. Jardinagem, carpintaria, marcenaria, costura e culinária podem ser citados como bons exemplos de atividades de interesse manual. No grupo de atividades intelectuais, a ênfase central e a busca de prazer estão diretamente ligadas à atividade de raciocínio. Podemos exemplificar com jogos como xadrez, dama, gamão.

Todas as atividades de lazer tendem a envolver grupos e a desenvolver a sociabilidade, mas a atividade de interesse social é a que possui como elemento motivador a promoção pronunciada de tais encontros, como festas, encontros em bares e restaurantes, programas noturnos e os passeios e atividades turísticas em geral.

Para a realização dessas práticas é necessário que haja espaço disponível e, devido às condições de vida da maioria da população, esse espaço deve ser urbano. De acordo com Marcellino, temos índices elevados de atividades desenvolvidas dentro de casa e essas, por sua vez, não possuem estruturas para tal, pois na grande maioria são muito pequenas, não possuem quintais ou trata-se de barracos localizados em favelas. A deficiência do transporte coletivo e a falta de dinheiro para pagá-lo também constituem barreiras sócio-econômicas para a prática do lazer.

As cidades estão cada vez mais fragmentadas, cada vez mais rigidamente compartimentadas em blocos e submetidas a administrações que privilegiam os grupos economicamente poderosos. Enquanto as zonas mais ricas das cidades preservam certa harmonia de formas e são motivo da preocupação constante dos poderes governamentais, os subúrbios e as periferias estão cada vez mais desgastados e sensivelmente abandonados.

Seriam necessárias, portanto, construções de locais adequados e acessíveis e, além disso, uma mudança da mentalidade na utilização dos equipamentos não específicos e a busca da participação da população na defesa de seu patrimônio urbano como, por exemplo, preservar, revitalizar o espaço e manter a riqueza da paisagem urbana.

Portanto, atrás da aparente banalidade e inconseqüência das práticas de lazer, existem sérios problemas e desafios para a nossa sociedade.

IV - O PARQUE DO SABIÁ COMO UM ESPAÇO DE LAZER E SOCIABILIDADE.

Os espaços públicos de lazer como parques e praças, por exemplo, no início da industrialização, eram utilizados no Brasil como uma boa solução para minimizar os problemas desencadeados pela modernidade, possibilitando intervenção nas áreas de saúde e higiene do espaço urbano. Tratava-se de uma visão funcionalista do lazer, de adequação social, e não de superação efetiva do problema.

No final da década de 1960 e no decorrer da década de 1970, as discussões relacionadas com o lazer ampliam-se e tornam-se mais freqüentes, tanto nas instituições acadêmicas quanto no âmbito das organizações governamentais. O assunto começa a ser considerado um fenômeno social de grande importância e um direito social como qualquer outro, mas, nem por isso, livre de interesses econômicos e sociais.

Nos órgãos de governo, surgem iniciativas de elaboração mais estruturada de políticas públicas, mesmo que ainda tímidas e distorcidas como, por exemplo, o fato de as secretarias ligadas ao assunto normalmente receberem verbas menores, como se ainda persistisse uma rígida hierarquia entre as necessidades humanas.

Nesse sentido, o Parque do Sabiá foi criado pela Lei nº 1898, de 23 de março de 1971, nas terras da bacia do córrego Jataí, com área de 1.850.000 metros quadrados. No período, foi o único espaço público criado na cidade de Uberlândia voltado para o lazer e recreação da população uberlandense. Esta área foi criada para turismo e bem estar social com diferentes fins, sendo eles, à primeira vista, o descanso, as práticas esportivas, a pescaria, além das atividades turísticas.

Apesar da construção do parque ter sido prevista em lei desde 1971, e a verba para a construção do mesmo ter sido destinada entre os anos de 1972 e 1973, somente em 1982 o Parque do Sabiá foi oficialmente inaugurado, aproveitando a campanha eleitoral do Prefeito Virgílio Galassi. Nessa estratégia política, do prefeito, fica clara a importância do Parque do Sabiá para o poder público, uma vez que esse é de grande importância para a população. Podemos, a partir daí, entender que o parque serviu, e ainda serve, como uma "ferramenta" política, o qual os administradores públicos utilizam como um meio de angariar votos.

Aspectos da vida do trabalhador, como o lazer por exemplo, propiciam uma aproximação interessante para dimensionar as propostas de controle social efetivadas pelo poder público. Nesse sentido, outra “função” atribuída ao Parque seria a de oferecer lazer saudável e produtivo ao trabalhador, no sentido de torná-lo mais

disciplinado e ordeiro, afastando-o dos vícios e dos meios “improdutivos”. Vemos isso através da imprensa da época que, após enumerar todas as atrações do parque como quadras de futebol, pista para caminhadas, lagos para a pesca, parques infantis, quiosques e churrasqueiras, etc., faz questão de anunciar a necessidade da apresentação da carteira de trabalho, sendo, de certa forma, uma maneira de dominar o trabalhador dentro e fora do local de trabalho.

O Parque do Sabiá oferece todas as condições para que a cidade tenha um lugar para suas horas de lazer, tais como ocorre nos clubes sociais, com quadro associativo mais restrito (...) o objetivo do Parque é de oferecer lazer para todos, indistintamente. E o trabalhador desfruta das delícias ali existentes ao lado dos seus familiares, apresentando a Carteira Profissional e tudo bem.³²

O discurso de que o objetivo do Parque é “oferecer lazer para todos, indistintamente”, logo é desmascarado, pois ressalva logo em seguida a necessidade de se apresentar a carteira de trabalho, ou seja, para certificar-se de que o parque estaria sendo usufruído por trabalhadores, assumindo assim sua função social. Outra questão é posta no sentido de que o trabalho, que era tão desvalorizado nas sociedades antigas, se transforma em um elemento fundamentalmente integrador da sociedade, conceito partilhado por todas as classes sociais. Daí se desenvolve a idéia de que aqueles que não trabalham são parasitas, inúteis ou delinqüentes; ou que, em certa medida, aqueles que não trabalham não têm o direito ao lazer. Mas, retomando,

Não há dúvida que se tentou estabelecer de inúmeras maneiras um domínio mais direto sobre a vida do operariado por parte das classes dirigentes e instituições fora dos locais de trabalho à medida que o proletariado surgia como força social importante na cidade, configurando ameaça velada ou aberta para a ordem constituída.(...) os meios operários eram vistos por instituições e grupos dirigentes como extremamente penicilosos para a ‘moral e disciplina do trabalho’, focos de agitação e revolta social. Hábitos operários no escasso tempo de lazer eram considerados vícios, e a recreação do operariado era considerada ‘improdutiva’.³³

Daí a importância de se criar espaços apropriados para a realização de lazer saudável e as condições criadas no Parque para a prática de esportes, como o futebol, a pesca, a caminhada, que são atividades perfeitas para afastar o trabalhador de vícios como o jogo, a bebida, e outros, que poderiam atrapalhar a produtividade.

³² - Jornal Correio de Uberlândia. Ano XLIX, n. 14301, 25 de janeiro de 1986.

³³ - DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987. p.88.

Ainda de acordo com Maria Auxiliadora Guzzo Decca, a disciplina do lazer, em função de uma maior adequação ao trabalho e à vida em um centro urbano que se industrializava e expandia de maneira crescente, foi buscada pelos poderes públicos de forma “idealizada” nos cuidados não só com os trabalhadores, mas também com as crianças e adolescentes, criando centros de formação social, centros de recreação, parques infantis, e outros, com a idéia de um lazer dirigido e de caráter disciplinador e formativo.

A construção do Parque do Sabiá vem ao encontro das reivindicações feitas pelo trabalhador como um direito a um espaço de lazer. Sendo assim, trata-se também de uma conquista que, primeiramente, se mostra como uma luta por um tempo de folga sobre o trabalho (redução da jornada de trabalho) e posteriormente de espaços para a prática de atividades de lazer.

Porém, todo equipamento de lazer, bem planejado, prevê investimentos não apenas de construção, como de manutenção e animação. Não importa quanto se tenha investido esteticamente na construção, os órgãos responsáveis têm de conscientizar-se de que não adianta apenas abrir as portas de seus monumentos para que a população os freqüente. Nesse sentido, o Parque do Sabiá era disponível apenas aos domingos e nenhum tipo de animação ou recreação era oferecido a quem o freqüentava.

Não me refiro à recreação no sentido tratado por Christianne Werneck, no livro *Lazer, Trabalho e Educação*³⁴ em que mostra que a associação de lazer e recreação é bastante comum. Para Bramante (BRAMANTE,1998; apud WERNECK, 2000), recreação “é o conjunto das atividades desenvolvidas no lazer. Enquanto o lazer pode ser entendido como “expressão da cultura, constituindo um elemento de conformismo ou de resistência à ordem social estabelecida”. Segundo ela, a recreação foi bastante utilizada como estratégia metodológica de organização de jogos e brincadeiras infantis. A preocupação básica centrava-se nas maneiras mais adequadas de organizar e conduzir a recreação, de forma a alcançar finalidades políticas e sociais, delineadas por meio dessa ação institucionalizada e controlada, evidenciando que o conjunto dessas questões ultrapassa a concepção de recreação como mera atividade. O projeto no qual a recreação se insere é muito mais profundo, e os interesses que a movem são muito mais

³⁴ - WERNECK, Christianne Luce Gomes. *Lazer, trabalho e educação*. Minas Gerais: UFMG e Celar, 2000.

complexos e sutis do que se imagina, dissimulados na propagação da idéia de diversão “sadia” e espontânea.

A recreação foi amplamente utilizada como estratégia de controle e manipulação social, com o objetivo de organizar o tempo de lazer.

Nesse sentido, o lazer era simplesmente concebido em função do tempo liberado do trabalho, mas o significado por ele incorporado no Brasil confunde-se e mescla-se com o de recreação: para ser socialmente permitido, deveria ser então *regulado*__ por meio da recreação. Estabelece-se assim uma (perversa) vinculação entre a recreação e o lazer, concretizada em função dos interesses engendrados principalmente pelo Estado, mas que esteve também aberta a outros interesses, os quais não se colocavam a serviço dos trabalhadores assalariados que tanto reivindicaram por esse direito.³⁵

Nesse sentido, os conceitos de lazer e recreação passam a ser vistos como inseparáveis e, na nossa realidade, vemos que o adequado aproveitamento das horas de lazer, conquistadas pelos trabalhadores assalariados, deveria ser feito através da organização racional da recreação. Essa medida, engendrada principalmente pelo Estado, esteve a serviço dos grupos dominantes e não dos assalariados, sendo imposta para preservar, na infância, o trabalho da escola e, na vida adulta, as energias físicas e morais dos trabalhadores. Em consequência, todo o esforço dos poderes públicos deveria ser voltado para as “necessidades de recreação do povo”, o que significa a reserva de áreas verdes, construção de parques, praças, ginásios e campos para prática de esportes, etc. Foi exatamente nesse intuito que o Parque do Sabiá foi construído, mas nenhuma ação era executada com o intuito de pelo menos aproveitar seu espaço físico.

³⁵ - WERNECK, Christianne Luce Gomes. *Lazer, trabalho e educação*. Minas Gerais: UFMG e Celar, 2000. p.96.



Esta foto mostra a falta de cuidado e limpeza do local, observe que o mato impede o acesso à lagoa e facilita a criação de insetos e animais peçonhentos.

Atualmente, a recreação muitas vezes ainda reproduz os mesmos valores tradicionais de ajustamento e conformação social, porém existe outro lado da moeda em que essa atividade pode ser empregada para contribuir no sentido de satisfazer as exigências da personalidade e para a realização do indivíduo. E é justamente essa recreação a que me refiro e defendo a necessidade de sua implantação no Parque do Sabiá.

Em 1997 seu horário de funcionamento foi modificado e sua visita não mais restringida. A partir daí, o Parque fica disponível todos os dias para a população, porém, nenhuma atividade ainda era oferecida, apenas suas instalações que eram precárias e cheias de defeitos: pistas de caminhada mal iluminadas, zoológico mal cuidado, piscinas com água tratada de maneira inadequada, falta de segurança e manutenção, etc.

Hoje, o Complexo do Parque do Sabiá possui uma área de 1.850.000m², que abrange um bosque de 350.000m² de área verde, um conjunto hidrográfico composto por três nascentes que abastecem sete represas e originam um grande lago e sete outros menores; uma praia artificial com 300 metros de extensão; um zoológico com animais

em cativeiro; uma estação de piscicultura com vários tanques, que servem para estocagem de matrizes, reprodução de peixes, estocagem de pós-larvas e alevinagem; um pavilhão de 1.080m² de área construída, que comporta 36 aquários e 36 espécies diferentes de peixes, com valor econômico e ornamental; uma pista de cooper de 5.100m de extensão; duas piscinas de água corrente; vários campos de futebol; cinco quadras poliesportivas; uma quadra de areia; uma campo society de grama; um parque infantil com 100 brinquedos diversificados; quiosques; escolinhas de futebol e natação e o Estádio João Havelange com capacidade para 70 mil pessoas.



Vista do Estádio João Havelange e da lagoa do parque



Piscinas

De acordo com o diretor geral da Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer (Futel), Alberto Martins da Costa, com o tempo a cidade cresceu e os riscos de se fazer atividades na rua aumentaram. Assim, o parque se tornou uma boa opção para aqueles que queiram fazer uma caminhada, para atividade física ou de lazer. “Hoje, o Parque do Sabiá atende não somente a sua concepção original, mas toda a população da cidade de Uberlândia.”³⁶

O diretor geral da Futel lembra que assim que recebeu o cargo verificou que a infra-estrutura do parque estava bastante deteriorada. “Faltava ainda credibilidade, as pessoas não observavam o parque como uma coisa boa de Uberlândia, e sim, como um lugar que faltava segurança”. Assim, antes de criar uma nova estrutura, foi elaborada uma estratégia para resgatar a credibilidade do parque com reforço da segurança. “Hoje ainda não temos a segurança que desejamos, mas está muito melhor do que a

³⁶ - Alberto Martins Costa, 59anos. Doutor em educação física e diretor geral da Futel da gestão Odelmo Leão Carneiro 2004-2008. Assumiu o cargo em 03/01/05. Entrevista gravada e concedida em 21 de fevereiro de 2006.

encontrada. Os casos de roubos, de furtos e assaltos dentro do parque diminuíram significativamente”, destacando que a parceria com a Polícia Militar contribuiu para a queda de delitos.

Para o diretor geral da Futel, a maior dificuldade enfrentada é conscientizar as pessoas que freqüentam o parque sobre a importância de mantê-lo limpo. “O usuário vê a lixeira perto, mas faz questão de jogar o lixo no chão. Na área da lagoa, a maioria das próprias pessoas que observa os peixes é responsável pelas garrafas plásticas e copos que se acumulam nas laterais”. Para diminuir estes problemas, a Futel encabeçou a criação de uma associação chamada Amigos do Parque. “Nós não pensamos nesta associação como a maioria, que é criada para arrecadar recursos destinados à manutenção do parque e, sim, para ajudar a fiscalizar.” O diretor adianta ainda que nos últimos meses de 2005 houve uma diminuição dos servidores da Futel, o que dificultou ainda mais o serviço de manutenção do parque. “Eram 65 pessoas e hoje são cerca de 30. A maioria das baixas foi por aposentadorias, falecimentos, demissões, entre outras. Só agora é que vamos começar a repor este quadro.” Alberto Martins conta que mesmo com a transferência da administração do zoológico para a Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (que ocorreu em janeiro de 2006) e do setor de piscicultura para a Secretaria de Agropecuária e Abastecimento (no mesmo período), os custos com a manutenção do parque ainda são altos, cerca de R\$ 400 mil por ano. Para conscientizar os usuários, foram instaladas placas nas entradas do parque que informam o tempo que a natureza gasta para decompor os materiais deixados pelos usuários. “Nós informamos desde uma folha de papel, que gasta duas semanas para se decompor, até uma garrafa de vidro, que pode permanecer por cerca de 500 anos no local em que foi deixada”, ressalta.

Uma das opções de lazer que estava desativada há anos foi disponibilizada aos usuários do parque: os pedalinhos. De acordo com Alberto Martins, no domingo em que os equipamentos, nove no total, foram reinaugurados (5 de fevereiro de 2006), todos foram utilizados por mais de 1,5 mil pessoas que compareceram ao parque. “Era um dia muito quente e havia ainda outras atividades como toboágua, arena de beach soccer (futebol de areia), de vôlei de praia, tirolesa, pula-pula, dama, xadrez, apresentações culturais como danças, capoeira, música ao vivo, etc”, enumera Martins, lembrando que algumas atividades não são permanentes, pois seguem a programação de verão do parque que é realizado todos os domingos da estação das 8:30 às 12:30 horas e busca

dar opções para a população aproveitar a estação através de eventos destinados à ela. Durante as atividades, são realizadas pesquisas em que a população é consultada sobre o deveria ser modificado no Parque.



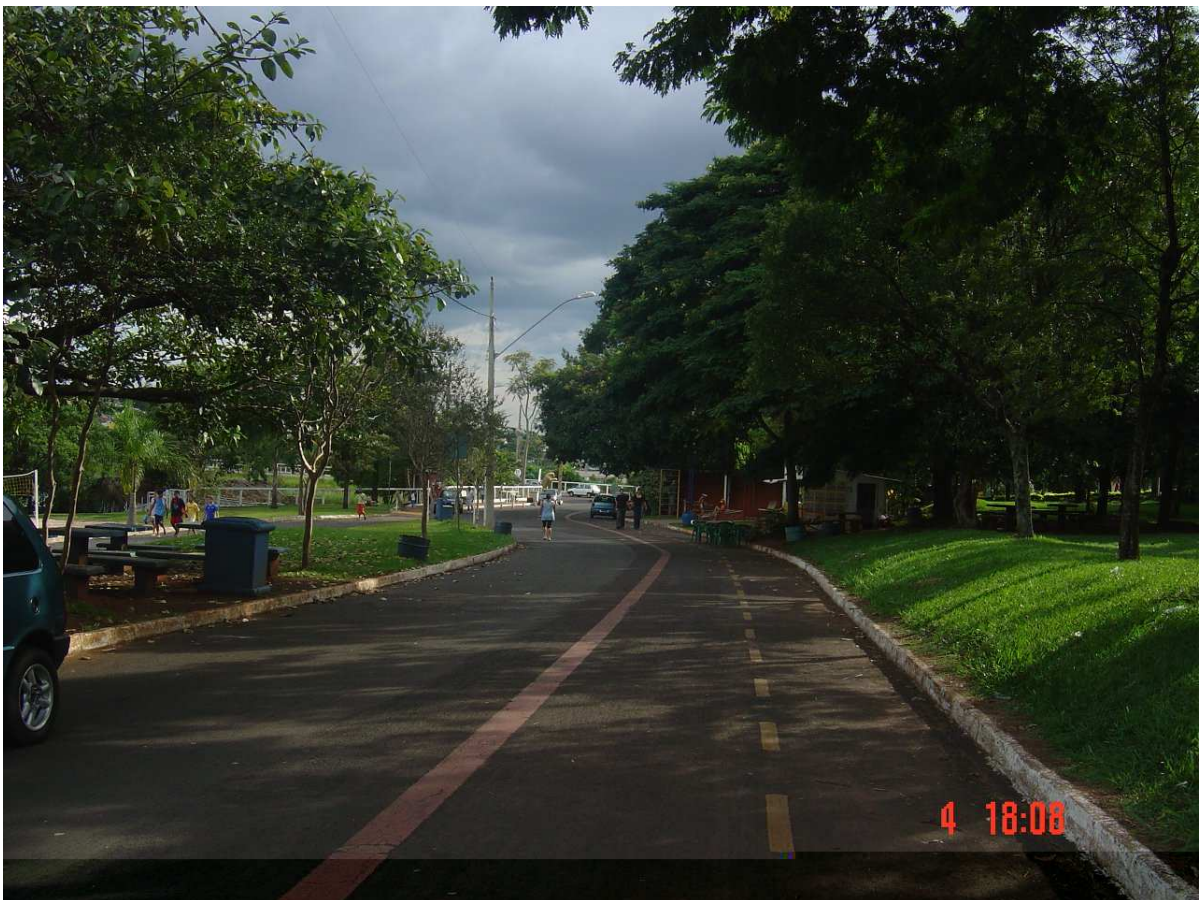
Local para realização de lanches e do lado direito os tobo-água.

Luzia de Andrade, é freqüentadora assídua do Parque. Pratica caminhadas todos os dias e afirma que como não possui condições para freqüentar academia, o Parque é uma boa opção para que ela possa praticar algum tipo de esporte, pela sua gratuidade e pelas condições oferecidas. “Antes eu ia apenas caminhar, pois as outras coisas que o parque oferecia eram sempre as mesmas coisas, não tinha graça nenhuma. Agora, até venho pra cá aos domingos trazer minha filha porque ela adora brincar nos brinquedos novos, principalmente no tirolesa e no escorregador³⁷”.

³⁷ - Luzia de Andrade é balconista, possui 33anos. Entrevista concedida e gravada em 16/01/06.



Escorregador inflável, um dos diversos brinquedos disponíveis da programação “Domingo no Parque”.



Pista para caminhada

Keila de Sousa, também caminha no Parque e relata que o que mais gosta é de passear com seu filho de 2 aninhos: “ele adora andar de trezinho, brincar no parquinho e visitar os animais”³⁸. Ressalva ainda, que com as reformas que estão sendo feitas, ficará ainda melhor.



“Mundo da Criança”, parquinho com brinquedos exclusivos para as crianças.



³⁸ - Keila de Sousa é promotora de vendas, possui 20 anos. Entrevista concedida e gravada em 15/01/06.



Trenzinho que transporta gratuitamente as pessoas dentro do Parque.

Oclécio José Ferreira, trabalha no Parque desde sua construção, então com 13 anos de idade. Ele é responsável pelo serviço de manutenção elétrica do complexo — que inclui o Estádio João Havelange — e revela que, ao longo dos 28 anos de serviço público, acompanhou uma evolução do parque, inclusive a construção dos campos de futebol, da lagoa, das piscinas e da pista de caminhada. “No início a Prefeitura de Uberlândia e o IEF (Instituto Estadual de Florestas) mantinham aqui apenas um viveiro de mudas. A maioria das árvores plantadas no parque foi cultivada por nós. Com o tempo, o parque cresceu e se tornou essa imensa área verde que é hoje”³⁹.

Para o funcionário público, o parque tem uma função social muito importante, principalmente por atender a crianças de várias idades. “A escolinha de futebol é o que mais gosto no parque, porque tira as crianças das ruas e as coloca para praticar uma atividade esportiva. Assim elas ficam longe da violência e das drogas”. De acordo com Oclécio, o Parque do Sabiá já foi bastante visitado no passado, mas devido à violência, os frequentadores foram se afastando. “Hoje está sendo feito um trabalho para reaproximar as pessoas do parque e tem dado certo”.

³⁹ - Oclécio José Ferreira é funcionário público, possui 41 anos. Entrevista concedida e gravada em 13/01/06.

Uma série de mudanças foram feitas na questão da segurança, todas pessoas entrevistadas reconheceram que houve uma melhora mas que ainda há muita coisa pra melhorar. Foram contratados 11 vigilantes motorizados que circundam a pista de caminhada e a Polícia Militar realiza rondas surpresas no mesmo local.

De acordo com Fabiana Gomes Pierini, em sua monografia sobre o zoológico do Parque do Sabiá⁴⁰, os animais enfrentam vários problemas como a proximidade com a BR-365, os maus-tratos causados pelos visitantes, o horário muito extenso de visita e jaulas pequenas e inadequadas às necessidades dos animais. Em resposta a estes problemas, recebi a notícia de que os casais de leões Clementino e Bia, o casal de macacos-prego e outras mais 28 espécies de animais – entre aves e mamíferos – terão seus abrigos reestruturados pelo Município para atender às normas ambientais do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). A ação conjunta envolve a equipe técnica da Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente e os biólogos e veterinários que cuidam dos 238 animais de 71 espécies que vivem no zôo. Os recursos serão liberados pelo Ministério do Turismo.

O local de visitação da fauna será cercado por um alambrado numa área aproximada de 140 mil metros quadrados e haverá um horário diferenciado das demais partes do Parque. Apesar de ainda não ter sido regulamentado, certifica-se que será um horário menor que o de funcionamento do parque. Na entrada do zoológico, será instalada uma portaria que deve funcionar como local voltado à educação ambiental dos visitantes. No quiosque, serão expostos animais empalhados, inclusive os que foram vítimas de vandalismo nos últimos anos. Serão confeccionadas cem novas placas informativas e educativas. O projeto prevê ainda a construção de um ambulatório, mais isolado, para o exame de animais doentes e a reforma de sanitários e bebedouros.

Com a consolidação da reforma administrativa do Município que ocorreu em janeiro de 2006, a gestão do Parque – incluído aí o zôo – será transferida da Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer (Futel) para a Secretaria de Planejamento que encampou a pasta de Meio Ambiente. Mas outras secretarias deverão, também, compartilhar funções na manutenção do parque.

⁴⁰ - PIERINI, Fabiana Gomes. Relações do Homem com o mundo natural: o zoológico Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia-MG (1982-1992). Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. 2004.

Os técnicos da Secretaria de Planejamento elaboraram o projeto com o novo formato dos recintos com a ajuda dos profissionais que lidam diretamente com bichos. “O novo planejamento do zoológico e outras exigências serão enviadas para a aprovação do Ministério do Turismo, que deverá liberar grande parte dos R\$ 280 mil previstos para todo Parque do Sabiá na adequação do zoológico, informa o engenheiro civil e assessor da Secretaria de Planejamento, Cláudio Guedes. A conclusão da reforma está prevista para este ano ainda.

Na última vistoria realizada em 2002, a equipe do setor de zoológicos do Ibama de Belo Horizonte constatou que várias exigências legais não estavam sendo cumpridas. Segundo a médica veterinária e chefe da equipe multidisciplinar do zoológico do Sabiá, Elisete de Araújo Naves, “os abrigos têm uma norma de metro quadrado por animal e alguns não estão dentro da medida adequada⁴¹”. Em relação ao espaço, os recintos dos falcões estavam inadequados pela altura, exigem-se cinco metros, e lá tinha três, mas já foi feita esta alteração. O abrigo dos urubus-reis tem 20 metros quadrados para duas aves e deveriam ter 50 metros quadrados. Segundo ela, as jaulas de todos os mamíferos estão dentro da lei ambiental. No entanto, o projeto a ser enviado ao ministério terá adequações para impedir que os animais se estressem com os visitantes e até mesmo os tratadores. “Faremos nova ambientação do recinto dos leões e uma reforma nas telas. No abrigo dos jacarés, manteremos uma distância maior entre eles e o público. No abrigo dos macacos, haverá uma área para isolar os animais a fim de facilitar a limpeza e a alimentação”, afirma a médica veterinária.

Serão construídos três mil metros de alambrado que irá separar o zoológico do restante do parque. Os alambrados ficarão às margens da pista de caminhada, no trecho mais próximo à BR-365. Essa divisão dentro do parque vai ajudar o controle da visitação onde ficam os bichos, pois será melhor fiscalizado quem entra e quem sai e poderá impedir a circulação de animais domésticos próximo das jaulas. Segundo a veterinária, há dois anos, duas emas foram mortas e, no ano passado, um lobo-guará macho e dois veados foram sacrificados. O horário de funcionamento diferente do restante do parque também é visto pelos especialistas como uma forma importante de zelo com bem-estar animal, pois assim terão seus horários para o descanso.

⁴¹ - Elisete de Araújo Naves, médica veterinária. Assumiu o cargo em 03/01/05. Entrevista concedida e gravada em 21/02/06.



É possível visualizar o início da construção do alambrado.



Nesta foto é possível ver do lado esquerdo que uma parte do alambrado que separa o zôo já foi construída e a placa mostra o cumprimento das normas do IBAMA.

Com o recurso do Ministério do Turismo, outro problema estrutural também deverá ser resolvido - a emissão de dejetos pela rede pluvial e de esgoto dentro do

Parque Sabiá. Parte dos R\$ 280 mil serão destinados para o remanejamento das tubulações que vão impedir o lançamento indevido no parque.

O recurso disponibilizado pelo governo federal também será usado para reforçar a sinalização. O trânsito de bicicletas estará temporariamente proibido. A medida terá de ser respeitada até que a Futel avalie a eficácia do plano de segurança e faça um trabalho de educação com os ciclistas. O trânsito de veículos dentro do parque (exceto na área reservada para estacionamentos e os carros oficiais) também está proibido. Os técnicos da autarquia estudam a reforma do parquinho, onde grande parte dos brinquedos está quebrada.

A estudante Joana Fernandes, 13 anos, afirma que o que mais gosta no Parque é poder andar de bicicleta e ficou indignado com a proibição. “Isso é um absurdo porque minha mãe não me deixa andar de bicicleta na rua. Aqui é tranquilo e não tem perigo⁴²”.

A estudante Andréia Maria de Oliveira, 17 anos, ficou contente ao saber que a segurança será reforçada, mas lamenta: “eu frequento o parque, mas não poderei mais andar de bicicleta”⁴³.

Outra proibição é a entrada de cães ou outros animais domésticos, pois sua permanência próxima às jaulas dos animais causa estresse e agitação. Se as reformas forem realmente feitas, praticamente todos os problemas do zoológico, descritos no trabalho de Fabiana Gomes Pierini serão resolvidos, exceto a proximidade com a BR-365 que, por causa dos ruídos dos caminhões, acaba prejudicando os animais. Em resposta a esse problema fui informada pela veterinária que trata-se de um projeto a longo prazo e que, por enquanto, sua localização não será mudada.

O Parque do Sabiá, apesar dos problemas descritos anteriormente, continua sendo um espaço de lazer para a população e somado às melhorias que estão sendo planejadas falta somente um projeto seguido de sua prática, de um minicurso de conscientização dos visitantes, pois eles são os maiores responsáveis pela depredação das instalações. Têm brinquedos quebrados, lixo jogado pra todo lado, vimos relatos de animais que foram maltratados e até mortos por envenenamento. Veremos, a seguir, que essas são questões que deveriam ser tratadas até mesmo no âmbito escolar. É o que

⁴² - Joana Fernandes, entrevista concedida e gravada em 15/01/06.

⁴³ - Andréia Maria de Oliveira, entrevista concedida e gravada em 15/01/06.

Marcellino chama de duplo aspecto educativo do lazer: educação para o lazer e educação pelo lazer.

Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; a segunda, que para a prática de atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação.⁴⁴

Mas poderíamos dizer que a maioria da população vive o seu lazer como mercadoria, como simples divertimento no seu sentido pejorativo de divertir, de desviar a atenção de si mesmo, da sua cultura, da sua sociedade e, de modo conformista, como válvula de escape ou elemento atenuador de tensões. Isso não quer dizer que o lazer não possa ser vivido contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social, de forma crítica e criativa. Com relação a lazer e educação, é necessário que se enxergue e se atue a partir do entendimento desse duplo aspecto em que a educação para o lazer – o lazer como objeto de educação – mostre a sua importância e dê iniciação aos seus conteúdos culturais, o que permitirá a possibilidade das pessoas escolherem, mais livremente, aquilo que querem fazer, no seu tempo disponível. E o outro, educação pelo lazer – o lazer como veículo de educação – a partir da sua vivência, nas dimensões de descanso, divertimento e desenvolvimento, tanto pessoal (pelo aprimoramento do movimento, da sensibilidade, do espírito crítico etc. – contribuindo para a transformação do indivíduo em pessoa), quanto social (pelo aprimoramento das relações interpessoais, conhecimento do meio, das culturas, das diferenças, etc. — contribuindo para a transformação da pessoa em cidadão).

Para Marcellino, a forma de colocar essas idéias em prática seria através de um duplo movimento que exige competência técnica e vontade política: uma pedagogia da animação – que considere as relações entre a escola, o lazer e o processo educativo, a partir da recuperação do lúdico no processo de ensino/aprendizagem, e da educação

⁴⁴ - MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996. P. 50

para e pelo lazer; e uma política pública de lazer, participativa e democrática — nos âmbitos federal, estadual e municipal — assegurando o exercício de vivência do direito ao lazer, conforme consta na nossa Constituição.

Mas o termo educação para o lazer acarreta diversas conotações. Para alguns, significa transmitir informação relacionada com o lazer através do sistema educacional. Tradicionalmente, a educação para o lazer tem sido vista como um meio de transmissão de conhecimentos e habilidades para o lazer, através da oportunidade de participação em programas de recreação, bem como em programas pós-escolares.

A educação para o lazer tem como objetivo formar o indivíduo para que viva o seu tempo disponível da forma mais positiva, sendo um processo de desenvolvimento total através do qual um indivíduo amplia o conhecimento de si próprio, do lazer e das relações do lazer com a vida e com o tecido social. Por tal, deve ser considerada como um processo integral da vida diária da escola, no sentido de que é necessário ensinar o lazer ativo.

A Escola, ao desconsiderar fatores que também desempenham um papel importante na formação do aluno ignorando todos os processos educativos que atualmente se produzem à margem dela, como a existência no ambiente sociocultural de meios que transmitem outras mensagens de informação (televisão, rádio, vídeo-games, internet...), torna-se uma escola enfraquecida, que se limita a ensinar para o momento e a não dar bases para um aprimoramento permanente de conhecimentos e capacidades exigido numa sociedade que evolui aceleradamente.

Considerando estes aspectos, a escola não pode esquecer do tempo livre como processo de formação. Será tarefa da escola proporcionar aos alunos conhecimentos e oportunidades para que eles possam viver, conviver e trabalhar, dando sentido às suas vidas. E hoje em dia, não podemos alcançar estes objetivos simplesmente pela ótica de uma educação para o trabalho, mas paralelamente por uma de educação para o lazer. Para Requixa, “a educação é hoje entendida como o grande veículo para o desenvolvimento, e o lazer, um excelente e suave instrumento para impulsionar o indivíduo a desenvolver-se, a aperfeiçoar-se, a ampliar os seus interesses e a sua esfera de responsabilidade”⁴⁵.

⁴⁵ REQUIXA, Renato. Conceito de lazer. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*, n.42, 1979. p.21

A relação existente entre lazer e educação parece não causar qualquer inquietude. Renato Requixa⁴⁶ defende que nada seria mais adequado que considerar a importância do aproveitamento das ocupações de lazer como instrumentos auxiliares da educação. Argumenta que o indivíduo, ao participar em atividades de lazer, desenvolve-se quer individualmente, quer socialmente, condições estas indispensáveis para garantir o seu bem-estar e participação mais ativa no atendimento de necessidades e aspirações de ordem individual, familiar, cultural e comunitária. Por outro lado, a educação para o lazer pode ter um efeito significativo na participação em atividades de lazer e na satisfação de vida. E deve envolver várias organizações educativas, desempenhando às instituições de educação formal um papel cada vez mais ativo nesta área.

Dar conta deste potencial, no entanto, requer uma transformação nas práticas educacionais para que venham a ser reconhecidos os valores do lazer, dotando os alunos de instrumentos e conhecimentos necessários para que possam organizar a sua própria vida, tanto do ponto de vista laboral, como do aproveitamento do seu tempo livre.

Mas, retomando, vimos que um espaço físico para a prática do lazer não é o suficiente, são necessárias várias outras medidas para que se possa realizar um lazer consciente, crítico, portanto, saudável. Nesse sentido, o parque está disponível e vimos que várias melhorias estão sendo planejadas e algumas até mesmo estão sendo postas em prática, porém cabe a nós, cidadãos, cobrar todas as melhorias necessárias mas também fazer nosso papel enquanto frequentadores do parque ou de qualquer outro espaço público de lazer.

⁴⁶ - REQUIXA, Renato. As dimensões do lazer. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*. N.º 45, 1980. pp. 54-76.



Parque do Sabiá. Apesar dos problemas, continua sendo um dos cartões postais de Uberlândia.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Na sociedade contemporânea é notória a busca por possibilidades de lazer cada vez mais amplas e diversificadas. No entanto, entendo o lazer como um direito individual/social que pode ser exercido nos projetos e ações desenvolvidos pelo indivíduo, pelo grupo social, pelo poder público, pelo terceiro setor e também pelas empresas privadas. Esse direito tem se constituído em importante espaço na vida das pessoas. Seja pela via da indústria cultural ou da cultura popular, o lazer representa a incessante busca pelo descanso, divertimento e/ou desenvolvimento.

No entanto, temos presenciado um discurso que associa essa prática a uma perspectiva utilitarista, que o entende como recuperador das energias perdidas no trabalho desgastante e, conseqüentemente, de possibilidades restritas a determinados grupos sociais. De qualquer maneira, é possível constatar que a maioria das pessoas está em busca de vivências de lazer em seu cotidiano, sejam estas pagas ou gratuitas. Na cidade de Uberlândia, pode ser citado o Parque do Sabiá, que apesar de todos os problemas, ainda pode ser considerado como um dos espaços que vem se dedicando ao desenvolvimento de atividades no âmbito do lazer. Foram observadas, ao longo do trabalho, várias dificuldades e necessidades de melhoria desse local, porém com a mudança de administração do parque, percebi que serão feitas várias melhorias nesse sentido.

Quando se promove e se divulga atividades recreativas, é certa a presença do público. Ao participar de eventos como “Domingo no Parque”, por exemplo, senti a reivindicação de formas de relacionamento mais espontâneas, a afirmação da individualidade, e a possibilidade de convivência com a natureza ao invés da dominação da natureza. Muitas pessoas participaram, se deslocaram de locais distantes para estar ali, vivenciando um dia, uma manhã ou uma tarde de lazer.

Portanto, a esperança ainda não morreu e continua permitindo a resistência e isso fica claro quando participamos de festas coletivas em que vivenciamos a alegria, o prazer que contagiam e emocionam. Apesar das tentativas de operacionalização do lazer para recuperação da força de trabalho, ou como simples espaço de tempo para o consumo desenfreado, ainda assim, sobram algumas “brechas” para a manifestação de conteúdos lúdicos. A sedução que o lúdico exerce, suas possibilidades de denúncia da realidade, fazem com que os valores do lazer possam desempenhar um papel de subversão da ordem vigente.

Falar desse lazer, que contribui para a construção do Homem, implica em falar de gente comum, que luta, trabalha, mas que também faz questão de preservar a alegria, na maioria das vezes impossível no ambiente de trabalho.

Vimos, no decorrer desse trabalho, que o lazer do trabalhador não pode ser entendido, como na Antiguidade, de modo ideal: a finalidade da existência dos privilegiados, apoiada na exploração da maioria. Ao contrário, é fruto da sociedade urbano-industrial e pode incidir sobre ela como gerador de novos valores que a contestem. Não podemos considerar apenas o que é definido pela lógica do mercado. Os movimentos sociais e culturais revelam conceitos, sentidos e significados de tempo e de lazer que estão na base da luta dos sujeitos pelos seus direitos, desafiando a globalização e o capitalismo e “abrindo” espaços de humanização e de conquista da melhoria da qualidade de vida. Assim, para a nossa sobrevivência digna, o lazer é tão fundamental quanto o trabalho.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

DE MASI, Domenico. *A Sociedade Pós-industrial*. São Paulo: SESC, 2003.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Cotidiano de Trabalhadores na República*. Brasiliense: São Paulo, 1990.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Jofree. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. *Valores e conteúdos do lazer*. São Paulo: Perspectiva.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1999.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. São Paulo: Papirus, 1987.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização*. São Paulo: Papirus, 1995

MEDEIROS, Ethel Bauzer. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: SESC, 1971

PIERINI, Fabiana Gomes. Relações do Homem com o mundo natural: o zoológico Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia-MG (1982-1992). Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. 2004. Monografia.

REQUIXA, Renato. *Sugestões e Diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

REQUIXA, Renato. As dimensões do lazer. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*. N.º 45, 1980.

REQUIXA, Renato. *Cadernos de lazer*. São Paulo: SESC, 2003.

REQUIXA, Renato. Conceito de lazer. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*, n.º 42, 1979.

VEBLEN, Th. *Teoria da classe ociosa*. Londres, Allen and Unwin, 1957.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. *Lazer, trabalho e educação*. Minas Gerais: UFMG e Celar, 2000.

b) JORNAL

Jornal Correio de Uberlândia. Ano XLIX, n. 14301, 25 de janeiro de 1986.

c) SITES

<http://www.catho.com.br/jcs/inpuiter-view.phlm?id=4638&print=1>. acessado em 20/11/2005.

<http://www.sesc.com.br>

<http://www.senac.com.br>

<http://www.sesi.com.br>

<http://www.pbh.gov.br>

VII - ANEXOS

Roteiro de entrevistas.

Tipo I:

- 1- Com qual frequência você visita o Parque?
- 2- O que você acha da segurança?
- 3- O que você mais gosta no parque?
- 4- O que acha que deve ser melhorado?
- 5- Você possui outras opções de lazer? Quais?

Tipo II:

- 1- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas no seu trabalho aqui no parque?
- 2- Você acredita na importância do parque para a população da cidade?
- 3- O que você mais gosta do parque?
- 4- Quais os desafios e metas para 2006?